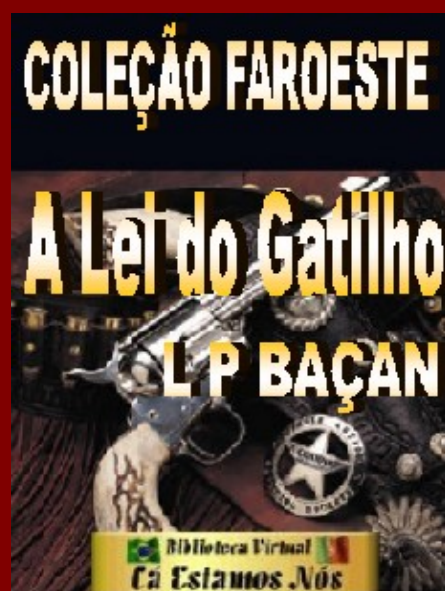




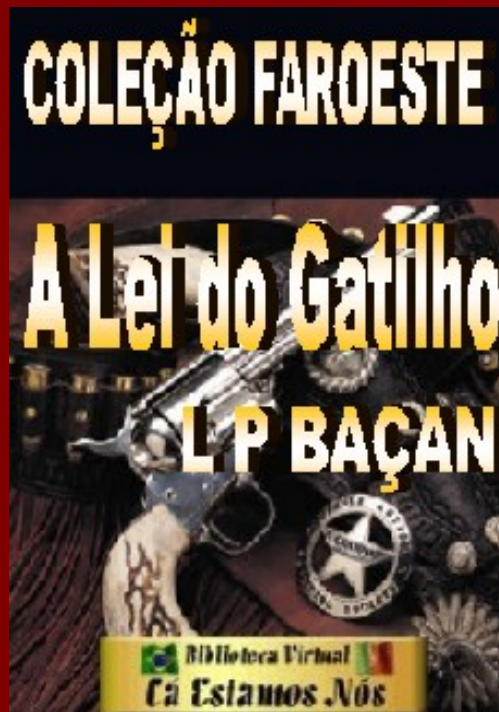
PORTAL Cá Estamos Nós

BIBLIOTECA VIRTUAL



[Próxima Página](#)





1ª Edição Eletrônica

L P Baçan

Capa e Edição Eletrônica: L P Baçan



Agosto de 2005

Música de Fundo: Blaze of Glory - Jon Bon Jovi

Direitos exclusivos para língua portuguesa:
Copyright © 2005 do Autor

Distribuição exclusiva através da Biblioteca Virtual "Cá Estamos Nós". Autorizadas a reprodução e distribuição gratuita desde que sejam preservadas as características originais da obra.

Divulgação "CÁ ESTAMOS NÓS" - Fundado em 15-07-98
Uma das maiores pontes literárias e de amizade entre Portugal e o Brasil
COLABORE NA GRANDE

BIBLIOTECA VIRTUAL "CÁ ESTAMOS NÓS"!

Portal "Cá Estamos Nós

Somos PRODUTORES e não Repassadores

CARLOS LEITE RIBEIRO

Marinha Grande «««»» PORTUGAL



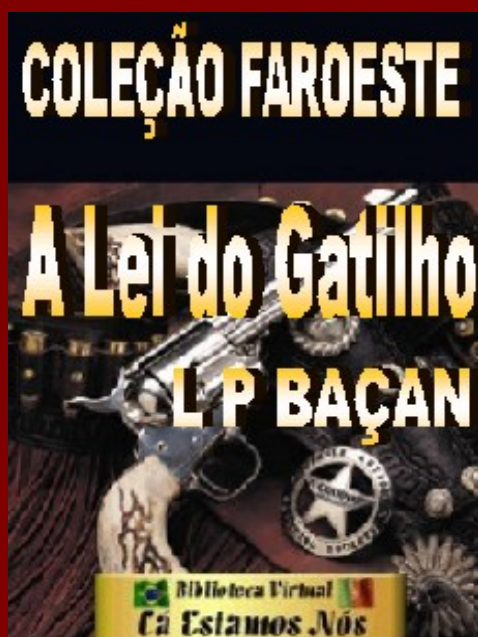
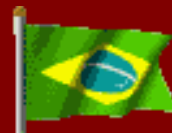
[Página Anterior](#)

[Próxima Página](#)

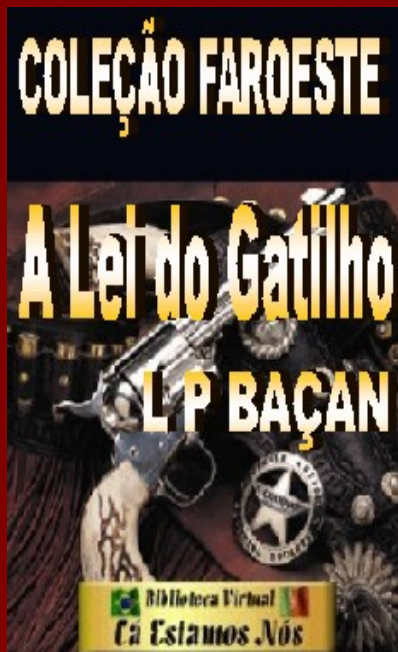


PORTAL Cá Estamos Nós

BIBLIOTECA VIRTUAL



[Próxima Página](#)



ÍNDICE

[O AUTOR](#)

[PREFÁCIO](#)

[A LEI DO GATILHO](#)

[Página Anterior](#)

[Próxima Página](#)



LOURIVALDO PEREZ BAÇAN

Nascimento: 08/01/50.

Local: Uraí - Norte do Paraná - Brasil

Formação: Pós-graduação em Literatura Brasileira

Atividades:

Professor de primeiro, segundo e terceiro graus

Bancário aposentado

Instrutor de Treinamento Profissional

Escritor: poeta, contista e novelista

Compositor letrista

Tradutor

Palestrante: Redação Criativa e O Processo Criativo

Publicações:

- Publicou em 1996 a novela rural **Sassarico**, sobre o fim do ciclo do café, início da rotação de culturas (soja e trigo) e surgimento dos bóias-frias
- Publicou em 1998 o livro de poemas **Alchimia** e em 1999 o livro **Redação Passo a Passo**.
- Já escreveu mais de 900 livros, publicados em sua maioria, sobre os mais diferentes assuntos, como: romances, erotismo, palavras cruzadas, charadas,

passatempos, literatura infantil, passatempos infantis, horóscopos, esoterismo, simpatias populares, rezas, orações, intenções, anjos, fadas, gnomos, elementais, amuletos, talismãs, estresse, manuais práticos, religião e livros de bolso com os mais diversos temas, letras para músicas.

[Página Anterior](#)

[Próxima Página](#)

COLEÇÃO FAROESTE

A Lei do Gatilho

L P BAÇAN



LIVROS DE BOLSO

Desde 1975, tenho me dedicado a um ramo pouco conhecido, mas muito consumido, da literatura: a chamada paraliteratura, representada pelos livros de bolso que, até há alguns anos, eram devorados por leitores de todas as idades e de todas as classes. A crise financeira, a televisão, o videocassete e o computador acabaram por suplantar esse tipo de leitura, que teimou em resistir, mas acabou sucumbindo. Escrevi livros com histórias amor, faroeste, policial, espionagem, terror e sexo,

além de textos sobre esoterismo e modismos que sempre vêm na esteira das novelas de sucesso hoje em dia. Já escrevi sobre horóscopos, ciganos, árabes, anjos, gnomos, fadas, orações, simpatias populares, rezas, rituais e tudo que se possa imaginar e que pode ser encontrado numa banca de revista. Pretensiosamente, vou aproveitar este espaço para ir mostrando um pouco desse trabalho insano de quase 30 anos.

Nenhum tema é empecilho para um escritor-fantasma. Ele tanto pode escrever sobre um tema esotérico como sobre receitas naturais e vida saudável.

L P Baçan

[Página Anterior](#)

[Índice](#)

[Próxima Página](#)

LIVROS DE BOLSO

FAROESTE

A LEI DO GATILHO

RESUMO:

James John era um homem fugindo de seu passado, tentando sobreviver e esquecer que tinha a cabeça a prêmio. De repente, o passado foi ao seu encontro, fazendo-o retornar à cidade de onde fugira quinze anos atrás.

Ali o esperavam algumas surpresas, como o ódio de seu filho e o homem que lhe roubara a única mulher que ele havia amado em toda a sua vida.

James descobriu que, para impor a justiça e a ordem e vencer a marca do passado, teria que recorrer à única lei que ele conhecia: a lei do gatilho.

Capítulo 1

Todos os olhares acompanhavam a aproximação da diligência, quando ela dobrava a Colina Bootrock e vinha, levantando poeira. Naqueles momentos, a calma da pacata cidadezinha era quebrada, pois a chegada da diligência podia significar a esperança de chegada de alguma novidade.

Normalmente trazia a mala do correio, passageiros ou transportava, em segredo, dinheiro para o banco local. Como das outras vezes, as pessoas saíram às janelas e portas, observado a chegada do veículo.

Quando a nuvem de poeira se dissipou, o Xerife Coomb se aproximou da diligência, que cruzara a rua e parara diante do escritório da Companhia Wells Fargo.

— Tudo bem na viagem, Pike? — indagou ao cocheiro que prendia a trava do freio.

Pike cuspiu um resto de fumo de mascar sobre a poeira da rua, antes de responder com sua voz pastosa e enrolada, com um forte sotaque sulista.

— Tudo bem, xerife. Apenas coiotes e abutres durante toda a viagem.

O xerife apoiou-se à porta do escritório, na sombra.

— Passageiros? — indagou.

— Só dois.

— Gente honesta ou jogadores?

— Veja por si mesmo.

Em resposta, dois homens desciam do veículo naquele momento. Um deles, todo encasacado, abanava-se numa nuvem de poeira.

O outro, vestindo paletó, mas sem muita ostentação, mas com roupas caras e sem armas, olhava ao redor, como se procurasse por alguma coisa.

Ao ver o homem com a estrela, aproximou-se e conferiu para ver com quem falava.

— É o xerife daqui? — quis saber.

Coomb apontou para a estrela.

— Sim, sou o Xerife Coomb. O que posso fazer para ajudá-lo, cavalheiro?

— Eu sou Burt Franklin e este é meu amigo, Donald Foubert — respondeu o outro, com ar de quem tinha algo interessante a tratar. — Temos algo que gostaríamos de conversar, mas apreciaríamos se fosse num local mais reservado...

— Talvez seja melhor irmos até o meu escritório então — propôs o homem da lei.

Um grupo de curiosos já começava a se formar ao redor dos forasteiros.

Caminharam pela rua principal de Green Valley, até a cadeia. O xerife entrou, atirou seu chapéu no cabide e foi se sentar atrás de sua escrivaninha.

Apontou duas cadeiras aos recém-chegados, que trataram de se sentar.

— E então, o que desejam?

— Procuramos um homem...

— Quem é ele?

— Conhece este aqui, xerife? — indagou Franklin, retirando um cartaz do bolso de seu colete de couro.

O xerife apanhou-o e examinou-o, com visível desagrado. Era um cartaz de procura-se, oferecendo uma recompensa pela cabeça de um homem chamado James John.

O xerife conhecia James John. Havia chegado à cidade umas duas semanas atrás. Pelo que sabia, James vinha trabalhando como xerife de cidades com problemas.

Havia limpado algumas delas com sucesso. Após devolver a lei e a ordem a elas, seus serviços eram dispensados. Para um homem como ele, que tinha somente as armas como referência, era difícil se manter por muito tempo num lugar só.

Examinou melhor os dois homens a sua frente. Julgou, a princípio, estar às voltas com alguma espécie de caçadores de recompensas.

Apesar de elogiar o que eles faziam, sempre tivera uma aversão por aquele tipo de trabalho e por homens que viviam da morte alheia, como verdadeiros abutres.

Aqueles dois, no entanto, examinando melhor, não se pareciam com caçadores de recompensas. Não usando aquelas roupas e sem carregar nenhum tipo de arma.

Isso o deixou curioso.

— São caçadores de recompensas? — indagou, devolvendo o cartaz.

Seu tom de voz quase agressivo demonstrava seu estado de ânimo e seu conceito a respeito do assunto.

— Não, de modo algum, xerife! Longe de nós esse tipo de profissão. Sou rancheiro e Foubert é banqueiro e também prefeito de Goldrock.

— E o que procuram com James John? De acordo com esse cartaz ele é procurado vivo ou morto no seu Estado...

— Sim, em nosso Estado. Viemos aqui buscá-lo. O Conselho de Cidadãos de Goldrock pôs os detetives da Pinkerton atrás dele por todo o Oeste. Já estávamos desistindo, quando recebemos a informação de que ele estava por aqui — falou Franklin.

— Bom, isso é com vocês, senhores. Não tenho motivos para impedi-los de falar com ele. Saibam que até agora ele tem se comportado.

— Só queríamos que nos confirmasse que ele se encontra aqui, xerife — insistiu Foubert.

— Por quê?

— Temos uma proposta para ele.

— Trabalho? — surpreendeu-se o xerife. — Querem levar de volta um homem procurado em seu Estado para oferecer-lhe trabalho?

— Sim, trabalho.

— Que espécie de trabalho?

— O trabalho que um homem como ele sabe fazer: limpeza.

— Entendi... — afirmou o xerife.

— Depois explicaremos com mais detalhes, xerife. Pode nos indicar onde o encontraremos? Temos urgência em falar com ele. Pretendemos aproveitar a volta da diligência, hoje à tarde para retornarmos para nossa cidade.

O xerife se voltou para seu auxiliar que, parado junto ao fogão, vigiando o bule de café, acompanhara toda a conversa com muito interesse.

— Amos, onde está aquele forasteiro, o tal James John? — perguntou o xerife a ele.

— Deve estar no saloon, xerife. Não sai de lá...

— Isso responde à sua pergunta, Sr. Foubert. Podemos ir até lá agora mesmo — afirmou o homem da lei, apanhando seu chapéu e indo esperar os dois na porta.

James John olhou de soslaio para o jogador à esquerda, no momento em que este distribuía as cartas. Pôde perceber claramente quando ele retirou cartas de baixo para passar ao outro jogador a sua frente.

Examinou o ambiente. Jogava contra outros três homens e suspeitara que estavam trapaceando. Acompanhara atentamente naquela mão e tivera certeza disso.

Apesar de estar ganhando, sabia que aquilo era uma estratégia dos trapaceiros. Quando eles comesçassem a ganhar, James ficaria limpo.

Disfarçadamente levou a mão ao coldre, sacou seu revólver e enfiou-o nas costelas do carteador, que endireitou o corpo de susto.

— O que é isso? — protestou, empalidecendo.

— Não acha que deveríamos anular esta cartada? Que tal dar cartas novamente?

— Por quê? — quis saber o homem para quem o carteador havia entregue as cartas de baixo do baralho.

— Porque vocês estão trapaceando e eu não gosto nem um pouco disso — falou James, tranqüila, mas ameaçadoramente.

Os dois homens se puseram se puseram em pé, ofendidos. Os olhos dos freqüentadores se voltaram para aquela mesa.

Havia tensão e expectativa no ar.

— Você está nos acusando de trapacear nas cartas, forasteiro? — indagou um deles, alto o bastante para que todos no saloon ouvissem.

— Estou — afirmou James, com firmeza.

— Isso é algo muito grave — continuou o outro jogador, sem haver notado que James tinha sua arma enfiada nas costelas do terceiro homem, que não se levantara da mesa ainda.

— Jack... Ele tem uma arma enterrada em minhas costelas — disse, num fio de voz, pálido e trêmulo.

Jack olhou diretamente para os olhos frios e azuis de James e, num movimento repentino, virou a mesa. James jogou-se para trás, enquanto disparava a arma por três vezes.

Foi tão rápido nisso que os tiros soaram como um só. Quando a fumaça se dissipou, havia três corpos esvaindo-se em sangue.

Jack levara um tiro no peito. Seu parceiro, que estava em pé ao seu lado, levara outro, na boca. O último deles, o carteador, tinha as costelas arrebatadas por um tiro à queima-roupa.

James levantou-se, guardando a arma no coldre.

— Cuidado! Atrás de você! — gritou uma das garotas do saloon, em algum lugar a sua frente.

Ele se voltou rapidamente, percebendo os movimentos de um pistoleiro sacando a arma. Sem vacilar, despejou chumbo quente naquela direção.

Um certo balaço atingiu o peito do outro, jogando-o para trás, contra a parede, ainda conseguindo disparar seu revólver uma vez.

James recuou alguns passos, após sentir algo quente batendo com força em seu ombro. Levou a mão ao local e percebeu o sangue escorrendo.

— Maldição — murmurou ele, caminhando até o balcão.

Apanhou uma garrafa de uísque, arrancou a rolha com os dentes, cuspidando-a para o lado. Tomou um gole. Depois derramou um pouco no ferimento, fazendo uma careta de dor.

A garota que o havia alertado se aproximou.

— Deixe-me cuidar disso — pediu ela, gentilmente, examinando o local ferido.

— Obrigado, querida! Salvou minha vida.

— Detesto ver um homem ser morto pelas costas.

— Eu também, principalmente quando esse homem sou eu...

— Seria bom fazer um curativo aqui. Tenho o necessário em meu quarto. Por que não vamos até lá agora mesmo? — indagou ele, solícita.

— Obrigado! Você está sendo muito gentil — disse ele, esboçando um sorriso e cambaleando.

Percebeu, no espelho, que alguém se aproximava por trás dele. Pensou em se voltar, mas seu corpo não o obedeceu.

No momento seguinte viu a coronha de um Colt descendo na direção de sua cabeça. Algo estalou e foi como se o mundo tivesse desabado sobre ele.

Capítulo 2

Acordou algum tempo depois, atordoado ainda. O xerife o olhava com reprovação. O médico acabara de lhe extrair a bala e feito um curativo no local.

— Vai ter que usar uma tipóia e manter esse braço imobilizado por algum tempo. Felizmente a bala não pegou nenhum osso, músculo ou nervo, mas é bom não fazer esforço com ele — recomendou o doutor.

— Tentarei, doutor — falou ele, sentando-se no catre da cela.

— Não tente apenas. Faça o que eu lhe disse — frisou.

— Que diabos aconteceu, afinal? — indagou James, olhando para o xerife, enquanto passava a mão na cabeça e percebia ali um galo enorme.

— Eu bati em sua cabeça com a coronha do meu Colt — informou o xerife.

— Por quê fez isso?

— Para acalmá-lo.

— Eu estava ferido, não podia fazer nada...

— Eu não sabia disso. De qualquer modo, funcionou como uma anestesia, enquanto o médico escavava seu ombro.

— Vai me dizer que ainda terei que agradecer-lo pela pancada...

— Esqueça... Agora prepare-se, você tem visitas.

— Visitas? Eu? Quem? — surpreendeu-se o pistoleiro.

— Dois senhores querem vê-lo. Vou chamá-los.

O xerife acompanhou o médico até o escritório, de onde retornou em seguida com os dois recém-chegados à cidade.

— Esses dois? — surpreendeu-se James.

— Sim, estão ansiosos para falar com você...

— E quem disse que quero falar com eles? — protestou.

— Não pretendemos forçá-lo a nada, James — disse Foubert. — Na realidade, temos uma proposta para você.

— Sim, uma proposta muito interessante — acrescentou Franklin.

— Não temos nada a conversar — respondeu James, deitando-se sobre a cama. — Quem são vocês?

A cabeça doía, o ombro doía e a presença daqueles dois significava encrenca.

— Somos de Goldrock e temos algo muito vantajoso para você, James — insistiu Foubert.

— A última coisa vantajosa que vocês me deram naquela cidade um julgamento rápido e a sentença de enforcamento. Se eu não fosse esperto e tivesse conseguido fugir, teria dançado a última melodia na ponta da corda...

— Aquilo tudo já passou. Você não gostaria de voltar a Goldrock e dar a volta por cima?

— Como assim? Querem que eu volte para ser enforcado numa corda de seda ou algo assim? Não, obrigado! Não voltarei para lá para ser morto.

— Não estamos pedindo que volte para ser enforcado.

— Para que, então?

— Para ser nosso xerife?

James olhou-os surpreso e depois explodiu numa gargalhada.

— Eu? Xerife de Goldrock? Que coisa mais absurda, senhores. Tem certeza que não

tomaram muito sol na viagem e estão confundindo as coisas?

— Falamos sério — emendou Foubert. — Descobriram ouro em Goldrock, finalmente.

Sabia disso já?

— Ouro! — exclamou James, com os olhos brilhando de cobiça e surpresa.

— Sim, ouro, James. Muito ouro.

— E onde eu entro nisso?

— Muitos bandidos têm chegado à cidade, tem havido muitos assaltos, mortes e estupros. As carroças que transportam o minério não conseguem chegar ao seu destino. O pagamento dos mineiros é roubado e eles são lesados de todas as formas por espertalhões. O banco já foi assaltado uma vez. A situação exige um homem hábil e durão... Por isso nós o queremos.

— Querem que eu aceite ser xerife dessa cidade? Não, obrigado! Não estou vendo nenhuma vantagem nisso.

— Talvez pense melhor ao ler isto — disse-lhe o banqueiro e prefeito, estendendo-lhe uma folha de papel.

— O que é? — perguntou James, intrigado.

— É um perdão. O próprio Governador assinou sua anistia, livrando-o da acusação.

— Quer dizer que não serem mais procurado?

— Se aceitar o cargo...

— Não terá que se preocupar mais com os caçadores de recompensas... — ajuntou Franklin.

O pistoleiro sentou-se no catre. Olhou os dois homens.

— Não, algo não me cheira bem nisso tudo. Prefiro estar vivo e caçado do que ser livre e morto. Vocês querem que eu limpe a cidade, mas isso me parece mais com servir de alvo para os bandidos, não é?

— Nada disso, James. Queremos que limpe a cidade e só você poderá fazê-lo.

— Como podem confiar em meu trabalho...

— Nós o vimos lá no saloon. Ainda é o mais rápido de todos.

— Isso num duelo frente a frente. Quando lidar com bandidos de verdade não será assim. Tanto poderei ser atingido pela frente como pelas costas... Além disso, já não tenho mais vinte anos. Quinze anos é muito tempo...

— Recebemos informações sobre seus feitos, James. Sabemos que foi xerife de algumas cidades e impôs a ordem e a lei...

— Trabalhei tão bem que acabei desempregado... Agora chega.

— Não ouviu toda a nossa proposta ainda — cortou-o Foubert.

— Não, nada do que me oferecerem poderá me convencer a voltar lá — disse ele, levantando-se e caminhando um pouco.

Ainda estava atordoado. Apanhou a camisa, que haviam tirado para fazer-lhe o curativo.

— Feargus Dundee ainda está na cidade. Suspeitamos que ele é o chefe dos bandidos, mas não pudemos provar nada contra ele ainda — disse Franklin.

James havia vestido a camisa e ia começar a abotoá-la. Parou e encarou os dois visitantes.

— Eliza ainda está com ele? — indagou, num fio de voz cheio de expectativa.

— Não, ele a abandonou, antes de ter o...

— Ter o quê? — apressou-se James, curioso.

— O filho — terminou Franklin.

— Um filho? Eliza teve um filho? E Feargus a deixou por causa disso?

— Feargus diz que o filho não é dele... O garoto tem quinze anos agora, James.

O pistoleiro olhou desconfiadamente para os dois.

— O garoto... é meu filho?

— Sim, mas apesar de tudo, Feargus gosta muito do menino. E com quinze anos apenas, Wyatt já é um pistoleiro.

— O quê? — surpreendeu-se James.

— Sim, Feargus o tem treinado desde pequeno.

— O que nos diz agora? — indagou Franklin.

James terminou de vestir a camisa. Apanhou seu chapéu. Alisou os cabelos, antes de pô-lo. Evitara Goldrock nos últimos quinze anos como se aquele lugar fosse amaldiçoado para ele. Via, agora, que tudo colaborava para levá-lo de volta para lá.

— O que mais ganharei, além de balas no couro? — quis saber.

— Faça seu preço — ofertou Foubert.

— Casa, comida, munição, duzentos e cinquenta dólares por semana e cinco dólares para cada bandido que tirar de circulação. Quantos homens há no bando de Feargus?

— Uns cem homens. Já mataram o mesmo tanto de mineiros e cidadãos honestos. Se você não nos ajudar, a população vai acabar deixando a cidade e todo o ouro ficará para aquele bandido.

— E os delegados federais?

— Não conseguem se aproximar da cidade. Feargus deve ter contatos em Washington. Os federais simplesmente não chegam a Goldrock.

James caminhou de um lado para outro, pensativo. A idéia de que já tinha um filho de quinze anos não entrava em sua cabeça.

— E meu filho, já matou alguém?

— Sim, dois homens num duelo provocado por Feargus, só para testá-lo.

Os olhos frios de James cintilaram.

— Se eu aceitar, quando partiremos?

— Na diligência, hoje à tarde, se puder viajar com esse ombro.

— Viajarei. Estarei lá, quando a diligência partir.

— Vamos estar no hotel, caso precise de alguma coisa.

— Foi bom lembrar, acho que um adiantamento iria bem. Preciso fazer umas compras.

— Aqui está a primeira semana adiantada — disse o banqueiro, separando as notas e entregando-lhe.

— Acham que serei facilmente reconhecido na cidade, mesmo depois de tanto tempo?

— Você mudou muito, James. Mesmo assim, pode fazer alguma coisa a respeito? — indagou Franklin.

— Verei o que posso fazer — afirmou ele. — Tem alguma acusação contra mim, xerife?

— Não, você está livre. Todos no saloon testemunhariam que você atirou em legítima defesa. Além disso, eu não iria prender um colega de profissão — afirmou o Xerife Coomb.

James agradeceu-o e deixou a cadeia. Foi até o armazém e entrou, indo até um armário de vidro, onde estavam expostos os últimos modelos de armas.

O vendedor se aproximou.

— Deixe-me ver aquela espingarda Overland, cano duplo e calibre doze.

— É uma excelente arma, senhor — elogiou o rapaz, apanhando-a e entregando-a ao pistoleiro.

James examinou-lhe o peso, empunhou-a com uma só mão, mediu-a bem, engatilhou, testou os gatilhos.

— Qual é o preço?

— É o modelo mais novo, acabou de chegar pela diligência. O preço é especial, quarenta e nove e noventa e nove.

— Certo, eu fico com ela — disse James. — Quero cinco caixas de cartuchos também.

— Chumbo fino ou chumbo grosso.

— Grosso. Sabe onde posso achar o ferreiro a esta hora?

— Deve estar no saloon bebendo. Sempre faz isso, quando não tem serviço e não estou escutando suas marteladas na bigorna.

James pagou a conta e foi até o saloon. A garota que o havia ajudado durante a briga aproximou-se dele.

— Continuo agradecido a você, meu bem, e demonstrarei minha gratidão assim que puder. Sabe onde está o ferreiro?

— Ali, naquela mesa — apontou ela.

— Eu já volto — disse ele, beijando-a no pescoço.

Foi até a mesa onde o ferreiro bebia e depositou a espingarda diante dele.

— Preciso que serre pela metade os canos desta arma. Pode fazer isso?

— O ferreiro examinou a espingarda.

— É uma boa arma... Modelo novo... Não devia fazer isso...

— Vou precisar. Pode fazê-lo?

— Tem pressa?

— Sim...

O ferreiro mediu-o. Sabia quem era ela e o que podia fazer com uma arma.

— Se você pretende atirar em alguém com ela depois de serrados os canos, vai ser como moer carne...

— Espero não ter que usá-la. Agora responda-me. Pode fazer o que pedi?

— Apanhe-a em duas horas — disse o ferreiro, terminando sua bebida, levantando-se e saindo.

James foi ao encontro da garota. Pediu uma garrafa de uísque. A garota examinou o curativo pelo buraco na camisa.

— Parece que o estrago não foi muito grande, não? — comentou ela, acariciando o local.

— Tenho o couro duro.

— Venha, vamos ao meu quarto. Você me deve a sua gratidão... — falou ela, com malícia.

Quando caminhava na direção da escadaria que levaria ao andar superior do saloon, onde estavam os quartos, a porta se abriu repentinamente e quatro homens entraram, batendo as esporas com força no assoalho.

Todos estavam suados e cobertos de poeira. Pareciam ter cavalgado muito depressa para chegar ali.

— Onde está ele? — gritou o que parecia ser o chefe deles.

— É aquele — apontou um dos homens sentados numa das mesas, na direção de James.

— Ei, você, grandalhão! Quero que venha até aqui — ordenou ele ao pistoleiro.

James pressentiu encrenca da grossa, mas não se intimidou.

— Vá na frente, minha querida. Abra a garrafa e sirva os drinques. Eu logo estarei lá. Só vou ver o que querem comigo — disse ele.

A garota subiu rapidamente a escada e ficou lá de cima olhando. James caminhou na direção dos homens, que imediatamente o cercaram.

— Aqui estou. O que quer comigo?

— Você baleou nossos amigos...

— Sem muita conversa, Joe. Vamos matá-lo logo — disse um dos homens, impaciente.

— Matá-lo é pouco. Vamos atirá-lo no curral com as pernas quebradas e deixar que o gado o pisoteie...

— Esperem um pouco. Por que tantos planos assim? Não estão pedindo a minha opinião, perceberam?

Os homens se olharam e começaram a rir. Um deles trazia um laço nas mãos e ameaçou jogá-lo sobre James, mas não foi feliz. Uma bala atravessou-lhe a mão, estraçalhando-lhe os ossos.

Os outros três ficaram imóveis, pegos de surpresa. James recuou na direção do balcão, mantendo-os sobre suas vistas.

— Não quero ter de matá-los, rapazes. Seus amigos eram três trapaceiros e tiveram o que mereciam.

— Não nos interessam suas explicações. Vamos matá-lo...

— Não creio que possam fazer isso. São vaqueiros, posso reconhecê-los pelas roupas...

— Você está com medo. Não pode contra nós três...

Inesperadamente, James virou-se para o barman e pediu um uísque. Apanhou o copo

com o braço ferido e começou a bebê-lo, enquanto se voltava na direção dos homens parados na porta.

Eles levaram as mãos às armas, mas foi o revólver de James que encheu o saloon de fumaça. Quatro homens gemia caídos a sua frente.

— Eu poderia tê-los matado, rapazes. Espero que pensem nisso, enquanto se recuperem — disse ele, indo ao encontro da garota.

— Pensei que não fosse vir — disse ela, pálida e trêmula parada no alto da escada.

— Sempre cumprio meus compromissos — disse ele, abraçando-a.

— Você é muito bom com as armas... É o melhor que já vi em toda a minha vida.

— Bobagem! É apenas um truque — disse ele.

Ela abriu a porta do quarto e foi se deitar na cama. James foi até a penteadeira e examinou os potes e vidros sobre ela.

— Tem tudo o que uma mulher precisa aqui, não? — comentou ele.

— Sim...

— A propósito, você tem aquele produto para mudar a cor dos cabelos?

— O quê?

— Isso mesmo. Vou ter que me disfarçar por alguns dias. Acha que dará para tingir a barba e o bigode, se eu os deixar crescer por alguns dias?

— Isso pode tingir qualquer coisa, mas por que quer fazer isso?

— Já disse, preciso me disfarçar. É verdade. Pode me arrumar um pouco disso e me ensinar a usar?

— Aí eu já terei feito dois favores para você — comentou ela, com provocação.

— Prometo que não se arrependerá — afirmou ele, começando a tirar a camisa.

Capítulo 3

Wyatt terminou de preencher os espaços vagos em seu cinturão com cartuchos de 44, depois afivelou-o ao quadril. Amarrou o cordel, que prendia o coldre, pouco acima do joelho. Testou sua rapidez, depois guardou o Colt.

— Onde você vai, Wyatt? — perguntou-lhe a mãe.

— O Sr. Feargus mandou me chamar, mãe. Vou até o escritório dele.

Eliza deu a volta por trás do balcão, encostou a vassoura numa sela e segurou o filho pelos ombros.

— Wyatt, meu filho, pare de andar com aqueles homens. São péssima gente...

— Eu não sou mais uma criança, mãe. Pare de me tratar assim — respondeu ele, rispidamente.

— Será que você não percebe o que está acontecendo entre nós? A cada nos afastamos um pouco mais um do outro...

— Eu sei cuidar de minha vida. Trate de cuidar da sua — finalizou ele, livrando-se dela e afastando-se.

Eliza enxugou uma lágrima e voltou para a vassoura. Era apenas uma pálida imagem do que havia sido no passado. Toda a sua beleza fenecera e os primeiros fios brancos já apontavam.

— Você viu, Jane? Meu filho me trata como se eu não fosse a mãe dele.

— Não se aflija, Eliza! Ele vai melhorar — disse ela, saindo à porta do momento em que a diligência chegava.

Jane era a filha do proprietário do armazém onde Eliza trabalhava. Seus olhos grandes e azuis se fixaram no forasteiro que vislumbrou na janela da diligência, até que esta sumiu na esquina.

Enquanto isso, Wyatt chegava ao escritório de Feargus Dundee. Antes de entrar, arrumou o cinturão ao redor do quadril, levantou a aba do chapéu e puxou o trinco da porta.

— Como vai, Wyatt? — cumprimentou-o alegremente Feargus.

- Muito bem, Sr. Dundee.
- Vejo que está usando a nova arma que lhe dei.
- Sim, gostei muito dela.
- Cuide bem porque ela é uma arma especial, preparada por um entendido do Kansas.

Tem o gatilho muito sensível.

- Já percebi, Sr. Dundee. Mandou me chamar?

— Sim, sente-se, por favor — ordenou o figurão, acendendo um charuto. — Wyatt, hoje você vai receber seu primeiro ordenado. A partir desta data passará a ser um de meus homens de confiança, concorda?

Os olhos do garoto brilharam. Aquilo era o que ele vinha esperando desde que Feargus começara a treiná-lo e a dar-lhe pequenos serviços, em troca de gorjetas.

- Verdade?

- Sim, a mais pura verdade — falou Dundee, estendendo-lhe algumas notas.

- Vinte dólares! — exclamou Wyatt, após examiná-las.

- Com isso pode ajudar sua mãe a não trabalhar tanto.

- Fico-lhe muito grato, Sr. Dundee...

- Por que não vai ao bar comemorar?

- Verdade? Posso mesmo fazer isso?

- Claro, já é um homem agora — incentivou-o Dundee.

- Tem razão... Acha que me servirão uísque?

Feargus riu da pergunta dele.

- Você quer tomar uísque?

- Sim, e jogar pôquer também...

- Vai se lembrar das lições que lhe dei?

- Sim, senhor. Tenho praticado todos os dias...

O figurão foi até a porta e chamou um de seus homens.

- Tom, acompanhe o garoto até o saloon. Cuide para que o tratem bem.

- Certo, chefe — entendeu o pistoleiro.

Pouco depois, Wyatt pedia um uísque no balcão.

- Não servimos bebida para crianças, garoto — disse-lhe o barman, rispidamente.

Tom curvou-se sobre o balcão, segurou-o pelo colarinho e puxou-o.

— Wyatt não é mais uma criança. Agora trabalha para o Sr. Dundee — acrescentou, antes de socar o nariz do outro, derrubando-o atrás do balcão.

Wyatt bateu o punho fechado com força no balcão.

- Sirva-me uísque — ordenou.

— Sim, Wyatt — concordou o barman, com um pano sobre o nariz, tentando estancar o sangue.

— Senhor Wyatt — falou o rapaz, levando a mão à arma, sacando-a e apontando-a para a cabeça do horrorizado barman.

- Sim, Sr. Wyatt — disse rapidamente.

O uísque foi servido. Wyatt segurou o copo contra a luz.

— Sempre sonhei fazer isso — disse ele e, quando ia levar o copo à boca, alguém tocou seu braço.

- Wyatt, por favor, pague-me um drinque — pediu o homem, com humildade.

O garoto se virou e encarou Scotty, o bebedor. Tom agarrou o bêbado pelo braço e ia esmurrá-lo, mas Wyatt interferiu.

- Não, Tom. Solte-o!

O pistoleiro jogou rispidamente o bebedor no assoalho. Ele se arrastou até os pés de Wyatt, erguendo-se com olhos suplicantes.

- Obrigado, Wyatt! Vai me pagar uma dose agora? — insistiu.

Wyatt ficou olhando para ele, depois sorriu. Retirou uma das notas que recebera de pagamento, pondo-a sobre o balcão. Apontou-a.

- Você quer uma destas, Scotty?

— Não, Wyatt, é muito para mim — respondeu Scotty, olhando a cédula de cinco dólares.

— Por que é muito, homem?

— Não, não posso aceitar...

Wyatt olhou para os presentes com uma expressão cruel nos olhos. Apesar da pouca idade, tinha estatura e força. Para surpresa de todos, o rapaz cuspiu na cédula, depois deixou-a cair no assoalho.

— É sua, Scotty. Pode apanhá-la.

O bêbado olhou surpreso e humilhado. Depois se abaixou vagarosamente para apanhar a cédula.

Seus dedos não chegaram a tocá-la. Inesperada e sadicamente, Tom acertou-lhe um pontapé no queixo, jogando-o para trás.

Wyatt riu, divertido, enquanto o bêbado tentava limpar o sangue que escorria de sua boca, mas apenas o espalhava pela cara.

— Vamos, pegue-a, beberrão. É sua, se pegá-la — insistiu o rapaz.

O bêbado se arrastou pelo assoalho, na direção da cédula. O sangue gotejava de sua boca, marcando sua passagem. Quando estendeu a mão para pegar o dinheiro, Wyatt pisou-lhe nos dedos com o salto da bota. Uma careta de dor desenhou-se no rosto do homem.

Desesperado, Scotty empurrou Wyatt com a outra mão, derrubando-o. Quando Wyatt se levantou agilmente, já tinha a arma na mão, enquanto Scotty recuava, segurando a nota.

— Devolva-me esse dinheiro, Scotty — ordenou Wyatt.

— Não... É minha... Você disse que eu podia pegar... Eu peguei...

Tom se aproximou por trás de Scotty e deu-lhe uma coronhada na cabeça, derrubando-o. A nota escapou-lhe da mão e flutuou no ar, deslizando na direção da porta e caindo aos pés de um homem alto, de barba espessa e bigodes.

Era James John, que tingira seus cabelos louros de preto e deixara a barba e o bigode crescerem nos últimos quinze dias. Havia combinado com Foubert e Franklin que não usaria a estrela, até haver examinado a cidade.

Todos olharam para aquele estranho homem, que trazia na mão direita, protegida por uma capa de couro, com desenhos índios e franjas, uma espingarda inesperadamente curta.

— Você, forasteiro! Apanhe essa nota e entregue-a ao garoto — ordenou-lhe Tom.

— Sim, pegue a nota e traga para mim — completou Wyatt, arrogantemente.

Sem nada responder nem lhe dar ouvidos, James passou pela nota e foi até o balcão. Depositou a espingarda a sua frente.

— O que vai ser? — indagou o barman.

Tinha ainda o pano manchado de sangue sobre o nariz e percebeu que o forasteiro ou era louco ou era corajoso demais. Se a última hipótese estivesse certa, talvez pudesse dar uma lição naquele garoto arrogante.

— Um uísque! — pediu o pistoleiro.

O barman o serviu. Todo o saloon estava em silêncio, observando as reações de Tom e de Wyatt.

Quando James levou a mão para apanhar o copo, uma bala arrebentou-o, espalhando estilhaços pelo balcão.

Sem se perturbar, James pediu outra dose. Tom se aproximou, rindo zombeteiramente.

— Você é surdo, forasteiro? Não ouviu o que eu disse?

— Você está falando comigo — retrucou James, sem se voltar.

— Sim, você mesmo. E olhe para mim quando eu estiver olhando para você.

— Eu o ouvi e não recebo ordens de lixo como você. E se fosse para ficar olhando merda, eu comprava uma carroça.

Tom sentiu o sangue subir-lhe à cabeça. Como estava com o Colt ainda na mão, após ter batido na cabeça de Scotty, fez menção de engatilhá-lo.

James não lhe deu tempo. Suas mão havia se firmado na coronha da espingarda sobre o balcão. Virou-se repentinamente e bateu com ela na testa do outro, jogando-o no assoalho, com um corte feio na testa, por onde o sangue brotava.

O barman sorriu satisfeito e vingado.

— Você! — disse James a Scotty. — Eu vi tudo, você ganhou a nota. Pode pegá-la.

— Ele não fará isso — discordou Wyatt, com a arma em punho, apontando-a para James.

O pistoleiro mediu-o.

— Como é seu nome, garoto?

— Wyatt...

— Pois bem, Wyatt. Se quer brincar como gente grande, tem que assumir o que faz. Você deu o dinheiro a ele. Eu vi.

— Era só uma brincadeira...

— Não se faz isso com um homem, garoto.

— Scotty é só um bêbado. Quem liga para ele?

James deu alguns passos na direção de Wyatt, encarando-a despeito da arma apontada.

— Bela arma, garoto. Quantos já matou com ela?

— Você será o primeiro que matarei com ela, se insistir em ser intrometido...

— Não me faça rir. Se você olhar melhor na minha mão direita, vai perceber que tenho uma espingarda apontada para você. Se eu apertar os gatilhos, espalharei seus pedaços pelo saloon inteiro e vai ser uma pena sujar um lugar tão bonito com essa merda que você é.

Wyatt estremeceu.

— Uma espingarda não é tão pequena... O que tem aí, uma arma de brinquedo?

Com um movimento de mão, James atirou a capa de couro para o lado, deixando a mostra a arma com os dois gatilhos prontos para disparar.

Wyatt engoliu em seco. Ficou olhando para os presentes, sem saber o que fazer.

Percebeu que, atrás de James, Tom se recuperava e apanhava sua arma novamente.

— Não sei quem você é, forasteiro, mas vai se arrepender de tudo isso que fez — disse Wyatt, procurando distrair a atenção de James para que Tom o alvejasse.

James percebeu a manobra e ficou alerta.

Quando ouviu o clique do Colt sendo engatilhado, virou-se e disparou um dos canos da espingarda, fazendo o rosto de Tom simplesmente sumir, transformado numa máscara deformada de sangue. Pedaços de miolos e cérebro foram bater na parede atrás dele, escorrendo macabramente para o assoalho.

Wyatt não resistiu àquela visão, soltando a arma e vomitando ali mesmo. James foi apanhar a arma do garoto e descarregá-la.

— Agora vá embora, garoto, antes que eu lhe chute o traseiro — ordenou.

Wyatt retirou-se humilhado, correndo logo à procura de seu protetor.

James recarregou sua terrível arma e colocou-a sobre o balcão. Depois, para espanto de todos que estavam ali, sacou sua faca e dirigiu-se ao cadáver de Tom, cortando-lhe o dedo indicador da mão direita.

Voltou e colocou o dedo ainda sangrando junto com sua espingarda. Depois olhou para Scotty.

— Já apanhou seu dinheiro?

— Sim — respondeu o bêbado, com gratidão e admiração, aproximando-se.

— Deixe-me pagar-lhe um uísque — ofereceu James.

— Não, por favor, eu faço isso. Tenho dinheiro agora... — comentou pateticamente Scotty.

— Guarde seu dinheiro, homem. Eu pago — disse James, fazendo um sinal para o barman, que se apressou em servi-los.

— Esta é por conta da casa, mas não espalhem — disse o barman, piscando um dos olhos, quando James ia lhe pagar.

— Eu não o conheço de algum lugar, forasteiro? — indagou Scotty, examinando o rosto de James, que o olhava cheio de pena e comiseração.

Scotty havia sido seu melhor amigo. Juntos, quinze anos antes, numa loucura da juventude, haviam realizado um assalto a uma diligência.

James escapara, com a cabeça a prêmio, mas Scotty não tivera a mesma sorte. Havia

cumprido dez longos anos.

— Não, nunca nos vimos antes — respondeu James, secamente.

— Mas sua voz e o jeito de andar me são familiar... Mas não consigo me lembrar — esforçou-se o bêbado.

— Beba seu uísque... Quem sabe ajuda...

Enquanto os dois bebiam, um grupo de homens de Feargus Dundee chegou à porta, liderados por Wyatt. Scotty os percebeu pelo espelho a sua frente.

— Há oito homens junto com o garoto lá na porta. Compreende que estamos perdidos?

— Diabos! Quem é esse garoto metido, afinal?

— Wyatt John é o nome dele. Eu fui muito amigo do pai dele...

James estremeceu, lembrando-se do que Foubert e Franklin haviam dito sobre seu filho. Aquele garoto perigoso poderia ser morto, antes que pudesse conhecer o pai.

— Você ainda sabe atirar, Scotty?

— Sim, claro...

— Pegue a espingarda — disse James, empurrando a arma sobre o balcão, ao mesmo tempo que puxava os dois gatilhos, deixando-os em posição de tiro.

— E o que vamos fazer?

— Eu vou meter uma bala na perna do garoto. Quando ele cair, você dispara a espingarda, mirando alto. Vai derrubar os oito.

— Tem certeza?

— Não, mas é a nossa única chance.

Wyatt se destacou do grupo e gritou:

— Temos uma conta a acertar, forasteiro.

— Então vamos acertar isso logo, garoto — falou James, virando-se com a arma na mão e acertando uma bala na perna de Wyatt, que rodopiou e caiu.

Imediatamente os oito homens que o acompanhavam levaram as mãos às armas, mas quando os dois canos da espingarda detonaram, espalhando chumbo generosamente, todos foram arremessados para fora, indo cair na rua.

Scotty olhou surpreso para a arma e para o estrago que ela havia feito.

James já caminhava na direção de Wyatt, que se contorcia em dores. O sangue escorria de seu ferimento.

— Vá procurar o médico, garoto idiota! — ordenou-lhe James, furioso por ter sido forçado àquilo.

— Eu ainda vou matá-lo — rugiu Wyatt.

As palavras do filho encheram James de uma raiva inesperada. Ele esbofeteou com força o rosto do rapaz, fazendo-o cuspir sangue.

— Vocês aí, levem-no ao médico — ordenou aos homens numa das mesas.

Os dois apanharam Wyatt e saíram com ele. James sacou a faca e foi até os cadáveres, já cercados por uma pequena e surpresa multidão. Horrorizou-os ao cortar os dedos indicadores direitos dos defuntos, antes de voltar ao saloon.

— Por que faz isso? — indagou Scotty, enojado.

— Tenho meus motivos.

— É bom que sejam os melhores possíveis. Assim que Feargus Dundee ficar sabendo do que houve, somos dois homens mortos.

— Ninguém vive para sempre, sabia? Venha comigo. Quero falar com você — disse James ao bêbado.

Os dois deixaram o saloon. A multidão ao redor dos cadáveres parecia satisfeita ao ver que eram homens de Dundee e não mineiros ou cidadãos. Todos ficaram num silêncio respeitoso, quando aquele homem alto passou por eles, seguido pelo bêbado da cidade.

Foram até o banco. Lá chegando, James entrou direto no gabinete de Foubert, depositando na mesa do banqueiro os nove dedos que havia cortado.

— São quarenta e cinco dólares.

— Você está maluco! — berrou o outro, horrorizado.

— Pensei que gostaria de uma prova do meu trabalho...
— Não precisava fazer isso.
— Vai impor um pouco de respeito e assustá-los também.
— Mas não traga mais isso aqui. É desnecessário. Aceitarei sua palavra. Agora tome o dinheiro — disse Foubert, abrindo uma gaveta e retirando algumas notas.
James recebeu o dinheiro e separou vinte e cinco dólares dali, entregando-os a Scotty. O bêbado ficou olhando deslumbrado as notas em suas mãos.
— Onde está a estrela? — indagou James.
— Aqui mesmo em minha mesa — respondeu o banqueiro, entregando-a.
— Há estrelas para ajudantes de xerife?
— Sim, tenho três delas.
— Quero-as.
O banqueiro as entregou a James. Ele separou uma delas e espetou-a no peito de Scotty. O bebedor olhou surpreso para os olhos decididos de James.
— Você está maluco? Scotty é um bêbado inútil — opôs-se o banqueiro.
— Você me disse que eu teria carta branca para agir. Isso inclui minha decisão na escolha dos auxiliares.
— Mas Scotty não usa uma arma há muito tempo...
— Acabou de usar uma agora e se saiu muito bem.
— Faça como julgar melhor, então. E lembre-se, terá que fazer um serviço muito bem feito nesta cidade. E manter-se vivo, também.
— Não se preocupe, estou começando a gostar deste trabalho — afirmou James, saindo. Scotty olhou sem entender a estrela em seu peito e as notas em suas mãos, depois saiu apressado atrás de James. Foi alcançá-lo na porta da cadeia.
— Eu conheço você — disse.
— Entre — ordenou James, abrindo a porta.
O lugar estava coberto de poeira. As portas das celas pareciam enferrujadas.
— Quando tiveram um xerife aqui pela última vez?
— Há uns seis meses, mais ou menos... Não me lembro muito bem...
— Como ele morreu?
Scotty apontou para um buraco de bala e uma mancha na parede, atrás da escrivaninha.
— Alguém abriu a porta e alvejou a cabeça dele.
— Má sorte! Quanto a você, se quer o emprego, saia, compre roupas, uma boa arma, tome um banho, corte o cabelo e a barba.
— Vou fazer tudo isso e comprar duas boas armas, como nos velhos tempos.
— Sim, como nos velhos tempos, Joe Scotty! — confirmou.
— Eu sabia que conhecia você, seu bastardo filho de uma cadela — disse Scotty, com um sorriso de alegria no rosto. — Mas o que faz aqui? Ficou louco? Ainda não é procurado pela lei?
— Não, não sou mais, depois que aceitei isto — disse James, mostrando um papel para o amigo.
— Ei, aqui diz que você foi perdoado por serviços prestados à comunidade. Que diabo de serviços são esses?
— É o que nós vamos fazer, Scotty. — Limpar esta maldita cidade. Vamos deixá-la respeitável de novo — explicou James.
— Está doido ou o quê? Nós dois sozinhos contra Dundee e sua quadrilha?
— Preciso arrumar mais dois auxiliares, Scotty.
— E nos quatro vamos enfrentar todos eles? Está brincando!
— Pois é exatamente o que vamos fazer, parceiro. Por isso conto com você e com a sorte de achar mais dois homens bons para nos ajudar nesta tarefa ingrata. Conhece algum?
— Quem mais seria maluco de entrar nisso? É morte certa!
— Não seja pessimista, Scotty! Agora vá se cuidar e volte aqui o mais depressa possível. E não beba nem mais uma gota, senão eu o tranco aqui e jogo a chave fora.

Capítulo 4

Quando Scotty retornou, algum tempo depois, era um outro homem, lembrando aquele que James havia conhecido. Estava mostrando suas armas novas a James, quando o banqueiro entrou na cadeia, acompanhado de um outro homem.

— Este aqui é Carlson, dono de uma das minas de ouro — foi dizendo. — Seu carregamento para o nosso banco foi roubado há menos de meia hora.

— Onde?

— Na trilha que vem da Montanha Golden Rock, no desfiladeiro.

— Eu sei onde é, James — disse Scotty.

— Então vamos logo — disse o xerife, apanhando sua espingarda e munição. — Vou precisar de dois bons cavalos — disse a Foubert.

— Apanhe-os na cocheira — disse o banqueiro.

— Sabe quantos eram os assaltantes?

— Cinco homens mascarados — respondeu Carlson.

Pouco depois os dois homens cavalgavam pela trilha, na direção da montanha. Logo chegaram ao local do assalto. Uma carroça estava tombada e alguns homens tentavam colocá-la sobre as rodas.

— Quem estava na carroça? — indagou James.

— Eu estava — respondeu um deles, com a cabeça enfaixada.

— Viu para onde eles foram depois do assalto?

— É difícil dizer, xerife. O terreno é pedregoso...

— São descuidados, homem da estrela de lata. Sempre deixam vestígios. Só não há gente de coragem para ir atrás deles — disse um índio com botas de couro de búfalo, sentado sobre uma pedra, olhando o trabalho dos mineiros.

— Quem é você?

— Chamam-me Arrows.

— Pode seguir os descuidados?

— Posso.

— Então tome isto. O ordenado é de cinqüenta dólares por semana, casa, comida e munição. Aceita? — disse James, após jogar-lhe uma estrela de ajudante.

O índio apanhou-a no ar. Olhou-a com interesse, depois sorriu para James.

— Você é louco? Vai fazer um índio se tornar agente da lei? Quer mesmo isso?

— Você fala demais para um índio. Aceita ou não?

— Preciso jurar alguma coisa?

— Mais tarde a gente vê isso. Tem um cavalo?

— Não preciso. Sigam-me — disse ele, espetando a estrela no peito e disparando na frente deles, a pé.

Os dois esporearam seus cavalos e partiram atrás dele.

— Você o conhece, Scotty?

— Sim, sei que é muito bom com uma faca e com o rifle.

Seguindo o índio, chegaram à beira de um riacho algum tempo depois. Havia uma fogueira pouco além de umas rochas. Arrows parou e deu um sinal para que James e Scotty desmontassem.

— Acha que são eles? — indagou James.

— Sim, são eles — confirmou o índio.

— Vê alguma sentinela?

— Sim, há um sobre aquela rocha.

— Pode cuidar dele?

O índio nada disse. Apenas deslizou como uma cobra pelo chão, atravessou o riacho e

sumiu por entre as pedras. Pouco depois surgiu no alto daquela rocha, fazendo sinais para Scotty e James se aproximarem.

Assim que se reuniram, Arrows apontou para um grupo de homens ao lado de uma fogueira, junto à qual havia um bule de café.

— Vamos tentar apanhá-los com vida — disse James.

— Vai ser meio difícil agora. Estão chamando o sentinela — alertou Arrows.

— Demônios! Acho que pretendem partir — praguejou James. Arrows, veja se consegue espantar os cavalos. Eu e Scotty cuidaremos deles.

Após haverem conferido o produto do roubo, os homens haviam feito uma partilha. Metade iria para Feargus Dundee e o restante era deles. Chamavam o sentinela para dar-lhe sua parte e partirem.

Estavam despreocupados porque não esperava que alguém os perseguisse. Isso nunca acontecera antes, por isso foram pegos de surpresa.

— Vocês aí, não se movam! — ordenou James, protegido atrás de uma rocha. — Deixem cair os cinturões bem devagar, depois levantem as mãos.

Em resposta uma bala zuniu perto de seu ouvido.

— Não os pegaremos vivos agora — disse Scotty.

— Então fogo neles — ordenou James, sacando seus Colts.

A fuzilaria foi rápida. Entre dois fogos, os assaltantes foram logo atingidos. Assim que a fumaça se dissipou, os três se aproximaram.

Os quatro pistoleiros jaziam em poças de sangue. Dois haviam sido atingidos pelas balas certeiras de James. O outro tivera a cabeça estourada por Scotty, demonstrando que ele ainda sabia mesmo usar uma arma. O quarto fora atingido no peito pelo índio.

— Não atirei para matar — disse Arrows. — Aquele deve estar vivo ainda — afirmou, indo levantar o ferido.

— Ajudem-me, por favor! Não quero morrer — gemia ele.

— Cale a boca, escória — disse James, enquanto Arrows o levantava pelos cabelos.

O homem gemia, enquanto o sangue escorria de seus ferimentos.

— Se você me der a informação que preciso, eu o deixarei vivo — prometeu James. —

Quem é seu chefe?

— Não posso... Ele me mataria...

— Nós o mataremos se não disser — falou o índio, colocando a faca sobre a garganta do ferido e começando a deslizá-la, cortando a pele e fazendo sangrar. — Ou talvez eu devesse começar pelo seu escalpo — acrescentou, pondo a faca na altura da testa do outro.

— Não, esperem... Espere... Eu digo. É Feargus Dundee. De tudo que roubamos, ele fica com noventa por cento...

— Bom garoto! — falou Arrows, soltando-o.

O homem caiu e ficou gemendo no chão.

— Acha que ele resistirá até a cidade? — indagou James.

— Difícilmente — falou Scotty, olhando a ferida.

— Vai perder todo o sangue — reconheceu Arrows.

— Então só nos resta uma coisa — acrescentou James, indo apanhar uma corda que estava numa das celas dos ladrões.

— O que pretende? — indagou Scotty.

— Poupar o trabalho do carrasco.

Pouco depois, apesar dos gritos desesperados, o bandido agonizou dependurado na árvore mais próxima.

— Arrows reúna novamente os cavalos deles. Vamos levar os corpos para a cidade.

Causará impacto.

Os ladrões foram levados para a cidade. O ouro foi entregue ao banco e James recebeu mais vinte e cinco dólares pelos mortos, repartindo-os com seus auxiliares.

Feargus Dundee esmurrou a cara de seu capanga, atirando-o contra a parede. Quando o homem tentou se levantar, deu-lhe um soco no estômago, derrubando-o. Chutou-o algumas vezes.

— Canalhas! Bando de incompetentes! Não valem um níquel — descarregou ele, furioso.

— Mas chefe... — tentou argumentar o homem caído, mas não teve chance.

Feargus arrebitou-lhe os lábios com um chute. Estava possesso porque nove de seus homens haviam sido liquidados como moscas por um desconhecido, que assumira o posto de xerife e tomara um bêbado como ajudante.

— Mando-os tomarem conta do garoto e eles são apanhados como um bando de imbecis. O garoto está ferido. Como isso pôde acontecer?

— Chefe, ele destroçou sem piedade nossos rapazes com aquela arma. Nunca vi coisa igual. Parecia um canhão.

— Tolices! Uma bala, uma simples bala poderia tê-lo matado.

— Ficamos com receio depois do que aconteceu...

— Covardes! Seja lá como for agora, só vai nos atrapalhar e será um péssimo exemplo. Daqui a pouco toda a cidade vai achar que pode nos enfrentar. Quero esse sujeito fora de circulação. Ele é um homem morto, ouviram? E darei mil dólares a quem confirmar isso para mim. E chamem Trigger. Quero me certificar de que o serviço será bem feito.

Os outros homens na sala levantaram o que estava caído e saíram rapidamente. Assim que se viu a sós, Feargus foi se sentar atrás de sua escrivaninha.

Estava furioso. Suas mãos tremiam, quando acendeu o charuto e ficou baforando nervosamente, olhando um Colt que tinha na gaveta, junto com os charutos especiais.

Nesse momento, a porta se abriu com o baque de um corpo contra ela. Um de seus homens entrou rodopiando e foi se estatelar de encontro à escrivaninha.

Feargus apanhou a arma na gaveta e ficou alerta, mas os três homens que entraram em seguida apontando armas o fizeram desistir de qualquer reação.

— O que é isso? Que palhaçada é esta? — indagou, olhando os três homens com estrelas espetadas no peito.

— Se olhar para a rua agora, verá algo que lhe pertenceu — disse James, com ódio.

Feargus se voltou e olhou pela vidraça. Cinco de seus rapazes estavam atravessados sobre as selas de seus cavalos.

— Não sei do que está falando. Não conheço aqueles homens... Agora querem me explicar o motivo desta invasão?

— É tudo muito simples, Feargus. Desta vez você escapou porque não pudemos manter um homem seu com vida para se sentar no banco das testemunhas. Mas cedo ou tarde isso vai acontecer.

— Vamos ter o prazer de vê-lo balançar na ponta de uma corda — falou Scotty.

— Eu conheço você! — exclamou Feargus. — Eu conheço você de algum lugar...

— Não, você não me conhece, pois eu vou ter que lhe dar um aviso. Cuidado! Da próxima vez eu o apanharei e talvez não tenha paciência para aguardar o julgamento. Trate de mandar enterrar seus homens lá fora. E para estragar seu dia, saiba que acaba de perder um carregamento de dez mil dólares em ouro — informou James, saindo com seus amigos.

Feargus ficou furioso, vendo-os sair e jurando vingança. Os capangas parados à porta não sabiam como se explicar.

— Eles tinham estrelas... — falou um deles.

— E desde quando isso nos assusta? Levem esse paspalho daqui — ordenou, apontando o pistoleiro que ainda estava caído ao pé da escrivaninha.

Sentou-se em seguida e tentou recordar de onde vira aquele rosto que agora era o do novo xerife de Goldrock. Fosse quem fosse, não o seria por muito tempo. Tentou, mas não conseguiu se lembrar.

A porta se abriu e um homem alto, de olhos frios e lábios finos entrou calmamente e se sentou, olhando-o.

— Trigger, temos um novo xerife e eu quero a pele dele.
— Como quer o serviço, chefe?
— Primeiro quero que você o humilhe bastante, que se arraste e implore pela vida. Depois mate-o. E que todos vejam isso para não terem idéias a nosso respeito.
O pistoleiro respondeu com um aceno quase imperceptível de cabeça.

* * *

James e seus ajudantes cavalgavam pela rua principal de volta para a cadeia. Ao passarem pelo saloon, viram quando um homem veio de costas pela porta, empurrado com força de lá de dentro, estatelando-se na poeira.

Levantou-se, espanou as roupas com as mãos, ajeitou o cinto da calça e entrou de novo no saloon. James fez um sinal para seus ajudantes e todos desmontaram.

Estavam amarrando seus cavalos no travessão, quando o homem voltou a cair novamente na rua. Mesmo assim levantou-se, espanou a roupa e entrou outra vez.

— Acho que esse aí tem coragem o bastante para ser o terceiro auxiliar — disse James.
— Alguém o conhece?

— Nunca o vi — falou Scotty.

— Nem eu — acrescentou Arrows.

Daí a pouco o homem voltou a cair na rua. Quando ia entrar outra vez, James o segurou pelo braço.

— Você é escocês?

— Sim, como sabe?

— Bem, a barba... E as roupas.

— Sim, acertou. Sou escocês — afirmou, fazendo menção de entrar de novo no saloon.

— Quantos homens está enfrentando lá dentro?

— Só dez.

— Precisa de ajuda?

— Não, acho que estou me saindo muito bem.

James soltou o braço do escocês e ficou esperando. Novamente ele foi atirado à rua. Desta vez, porém, um homem surgiu à porta.

— Escute aqui, seu escocês burro! Se voltar aqui de novo, vamos lhe meter uma bala na cabeça dura, entendeu? — falou o homem, apontando uma arma para ele.

O escocês demonstrou sua decepção, socando o chão. Levantou-se e foi se sentar nos degraus da escada que levava ao saloon. James sentou-se ao lado dele.

— O que foi, amigo? Perdeu a coragem?

— Estou desarmado...

— Contra quem está brigando?

— Capangas de um tal de Feargus Dundee. Eu jogava contra dois deles, eles trapacearam e quando eu descobri eles tomaram o meu dinheiro, minhas armas e me jogaram na rua.

— E qual é seu nome?

— Mac Malcon.

— Muito bem, Mac Malcon, que tal ser ajudante de xerife?

— E o que eu ganho com isso?

— Cinquenta dólares por semana, casa, comida, armas e toda munição que precisar.

— Bom, preciso trabalho e esse me parece o mais honesto que me ofereceram nos últimos dias. Eu aceito. Pode me emprestar uma arma?

— Sim, e aqui está sua estrela também. Agora você é um agente da lei.

— Ótimo! Devo avisá-lo, xerife, que dentro deste saloon, há homens trapaceando no jogo, tomando dinheiro de vítimas indefesas e espancando-as.

— Bom, então a lei precisa tomar alguma providência. O que sugere, Mac Malcon?

— Vamos ser pacíficos com eles inicialmente, xerife. Vamos tentar conversar e ver se eles aceitarem a prisão pacificamente.

— Eu prefiro que eles reajam — falou Arrows.

— Eu também — afirmou o escocês, quando James apanhou a cartucheira, pondo-a nas mãos dele.

Entraram os quatro no saloon. O pianista parou de tocar por alguns instantes, depois recomeçou furiosamente. Mac Malcon se aproximou dos homens que o haviam espancado.

— Ora vejam só! O palhaço agora conseguiu uma estrela — disse um deles, com ironia. James, Scotty e Arrows foram até o balcão. Encostaram-se e ficaram de olho.

— De que me chamou? — indagou o escocês.

— Palhaço...

Mac Malcon bateu com a coronha da espingarda no nariz dele, jogando-o de costas. Engatilhou a espingarda, apontando-a para os outros homens.

— Agora, meus amigos, vamos resolver nosso problema. Dou-lhes cinco segundos para soltarem os cinturões.

Os homens olharam os canos daquela espingarda. Sabiam o que ela já havia feito naquele dia, por isso não tiveram outra alternativa, a não ser obedecer. Os cinturões caíram pesadamente no assoalho.

Scotty e Arrows se apressaram em recolhê-los e empilhá-los sobre o balcão. O escocês foi levar a espingarda para James. Naquele momento, um dos bandidos tirou uma faca da bota e arremessou-a.

Arrows empurrou Mac Malcon para o lado. A lâmina assobiou ao passar entre eles.

— Seus ratos traiçoeiros! — berrou o escocês, avançando na direção do bando e Scotty e Arrows não o deixaram sozinho, enquanto James só observava.

Mac Malcon estava sedento de vingança e logo apanhou dois pelos colarinhos, fazendo-os bater cabeça contra cabeça, desacordando-os.

Scotty, com um pontapé na região mais frágil, colocou outro fora de combate, enquanto Arrows, com um grito de guerra, atirou-se no espaço e levou dois homens consigo na queda.

O saloon se transformou numa praça de guerra. Cadeiras, mesas, dentes e corpos voavam, enquanto os ajudantes do xerife davam e recebiam pancadas.

— Em quanto calcula o prejuízo? — indagou o xerife ao barman.

— Uns cem dólares, xerife.

— Serão pagos — garantiu o homem da lei.

Em poucos minutos os pistoleiros de Feergus Dundee jaziam estatelados, com costelas, cabeças e dentes partidos pelos três ajudantes do xerife.

— Mac Malcon, reviste os bolsos deles. Junte cem dólares para pagar os prejuízos. Depois levem todos para a cadeia.

— Certo, xerife — confirmou ele, polindo a estrela com a manga da camisa.

— Cuide de tudo, Scotty. Acho que está na hora de eu ir me encontrar com alguém — falou James.

— Eliza vai gostar de vê-lo, James.

— Será que vai me reconhecer? — indagou o homem da lei, deixando-os.

Capítulo 5

Para James, aquela era uma situação incômoda. Quinze anos depois voltaria a ver a mulher que amara um dia e que lhe dera um filho que ele desconhecia.

— Como está o garoto, doutor? — indagou James, assim que chegou à casa de Eliza e encontrou o outro, já de saída, com sua valise na mão.

— Ficaré bom logo. A bala não atingiu nenhum osso.

— E a mãe dele?

— Muito chocada.

James agradeceu, entrou na casa e dirigiu-se ao quarto cuja porta estava aberta. Eliza estava de costas para ele e o garoto parecia dormir.

— Eu sinto muito — disse ele, baixinho.

Ela o olhou furiosa. Ia dizer alguma coisa, mas calou-se, olhando-o fixamente nos olhos agora.

— Você! — exclamou ela, num fio de voz.

— Eu sabia que me reconheceria...

— Como teve coragem de fazer isso com seu próprio filho?

— Fiz isso para salvar a vida dele...

— E quer que eu acredite nisso? — ironizou ela, saindo.

Ele a seguiu.

— Eliza, foi a maneira que encontrei para tirá-lo de circulação sem ter que matá-lo. Ele foi muito insolente...

— É apenas uma criança...

— Já matou dois homens e teria me matado se tivesse chance...

— Oh, meu Deus! A culpa é toda minha — exclamou ela, abraçando-se a ele.

— Não, Eliza. Acho que a culpa é toda de Feargus...

— Por onde você andou, James? Por que me deixou casar com Feargus...

— Agora é tarde para isso, Eliza. Muito tarde mesmo...

— O que faz aqui na cidade? E por que essa estrela de xerife?

— Você saberá com o tempo. Voltarei mais tarde para conversar com Wyatt, se ele quiser me receber.

James deu meia-volta e saiu. Não podia mais olhar para Eliza, um retrato acabado da bela mulher de outrora.

Caminhou até a cadeia, sentindo-se arrasado.

— James, um tal de Trigger o espera no saloon — avisou-o Arrows.

— Trigger? Quem é a fera? O que ele quer de mim?

— Pelo modo como ele cheira, parece um matador.

— Então deve ser outro dos homens de Feargus Dundee...

— Com certeza — informou Scotty. — Eu o conheço bem. É um dos pistoleiros mais rápidos da região. Só aparece quando o serviço é especial.

— Quanta honra para mim. Vejo que Feargus quer mesmo a minha pele...

— E se você sobreviver a esse encontro, temos um convite.

— Que convite?

— Para participar de uma reunião com os cidadãos hoje à noite.

— Não podemos nos queixar de nossa agenda social, rapazes. Vamos ver quem é esse Trigger e o que quer de mim.

— Quer ajuda? — indagou Scotty.

— Não, se ele está sozinho eu dou conta do recado — disse James, examinando sua espingarda e seu Colt.

Quando ia saindo, um dos homens que estavam presos gritou-lhe:

— Ei, xerife! Não pode nos manter aqui sem uma acusação...

— Verdade? — indagou ele, com ironia, aproximando-se da grade.

— Sim, é isso mesmo — concordaram os outros. — Ninguém testemunhará contra nós...

— É isso mesmo, xerife. Terá que nos soltar — acrescentou um outro, zombando, enfiando a cara por entre as barras de ferro.

James socou-o no nariz, jogando-o para trás com a cara lambuzada de sangue.

— Entendam uma coisa agora, rapazes: seu chefe manda e desmanda nesta cidade, mas isso acabou. Agora quem manda aqui sou eu. E para provar isso, vamos levar um de cada vez para ser interrogado. Se confessarem o que desejamos saber, terão uma chance de serem poupados. Se não confessarem... Bem, Arrows ainda sabe tirar escalpos e tem uma técnica índia para retirar a pele de um homem inteirinha, sem matá-lo.

Os homens ficaram em silêncio, percebendo que ele falava sério.

— Não pode fazer isso — protestou outro deles, agarrando-se à grade.

James deu-lhe uma coronhada nos dedos. O sujeito urrou de dor, contorcendo-se pela cela.

— Eu digo que posso e que o farei. Arrows e Mac Malcon, se encarregarão disso.

O xerife saiu e se dirigiu ao saloon. Quando entrou, todos os presentes se afastaram, encostando-se às paredes. Restou apenas um homem de colete negro, sentado numa das mesas, no centro do salão.

— Você é Trigger? — indagou, com a espingarda prudentemente engatilhada.

Sabia que o pistoleiro não viria sozinho. Examinou rapidamente o local. Viu um homem suspeito no alto da escada, outro junto ao balcão e um terceiro empunhando um rifle, sentado num canto sombrio.

— Sim, xerife, e quero conversar com você.

James se aproximou e, quando ia se sentar, Trigger empurrou a cadeira com o pé, quase derrubando-o. O pistoleiro riu.

— Estou aqui para matá-lo, xerife — disse, interrompendo o riso.

— Sei disso, por isso também estou aqui para matá-lo.

Trigger riu com ar de superioridade.

— Mas antes de matá-lo, quero que me faça algo. Quero que limpe as minhas botas.

— Como quer que a limpe, com a língua ou com a barba?

— Com a língua...

— Pois não — concordou James, inesperadamente, abaixando-se para disparar um cano da espingarda e arrebentar o homem no alto da escada.

Virou-se e disparou o outro cano, acertando o que estava no canto.

Quando o último dos três, ao lado do balcão, tentou sacar sua arma, James disparou seu Colt e uma bala arrebentou a cabeça do pistoleiro como se fosse uma abóbora madura.

Trigger continuava impassível, sentado à mesa, enquanto James se levantava.

— Creio que agora poderemos conversar em igualdade de condições — disse James, guardando o revólver.

— Como quiser, mas minhas botas estão esperando.

— O coveiro vai limpá-las para você.

— Acho que já conversamos demais, xerife. Vou matá-lo, mas antes quero que me peça de joelhos, que me implore e que rasteje.

— Os cemitérios do Oeste estão cheios de gente como você que achou que poderiam me obrigar a isso...

— Vou contar até três...

— Não, Trigger, eu contarei até três. Se até lá não tiver soltado seu cinturão, vou lhe meter uma bala em cada olho antes que você consiga ver o que está acontecendo.

— Não seja fanfarrão, xerife...

— Um!

— Pensa que eu...

— Dois!

— Você não...

— Três! — finalizou James, sacando sua arma, antes que Trigger conseguisse se mover.

Todos os freqüentadores ficaram admirados com a rapidez de James, inclusive seu oponente, que perdeu a fala. Grossas gotas de suor começaram a escorrer-lhe pelo rosto.

— E então, Trigger, não vai me matar? — zombou o xerife.

— Eu ainda nem toquei na minha arma... Ela está no coldre... Se atirar será assassinato...

— Então por que não apanha suas armas?

— Não, não vou sacar contra você... Veja... Vou soltar meu cinturão...

— Você é lixo, escória da pior espécie, Trigger. Um covarde...

— Já soltei minhas armas, xerife. Não vai atirar num homem desarmado, vai?

Em resposta, James tirou seu cinturão e jogou-o sobre o balcão.

— Não preciso de armas para lidar com um imbecil como você — falou o homem da lei,

empurrando uma das mesas para o lado.

Trigger apanhou o copo de uísque que estava bebendo e fez menção de levá-lo à boca. Ao invés disso, inesperadamente, atirou-o no rosto de James, partindo para cima dele em seguida.

Cego pelo uísque que lhe entrara nos olhos, James recebeu o primeiro soco sobre os olhos, depois outro na testa e um terceiro no estômago, sendo atirado para cima de uma mesa.

Trigger apanhou uma garrafa pelo gargalo e bateu-a contra o encosto de uma cadeira, improvisando uma arma. Aproximou-se de James.

— Maldita cobra traiçoeira! — exclamou o xerife, apanhando uma cadeira e atirando-a contra o pistoleiro.

A madeira atingiu a testa de Trigger, fazendo-o recuar até trombar contra o balcão. James caiu sobre ele, esmurrando-lhe a cabeça e depois batendo-a contra o balcão.

O pistoleiro ainda tentou esboçar uma reação, mas James derrubou-o e chutou-o até que seu rosto se transformasse numa máscara de sangue.

— Jamais usará uma arma de novo, bastardo — disse James, sacando sua faca.

Aproximou-se de Trigger e cortou-lhe os dois dedos indicadores. O bandido urrou e rolou de dor, contorcendo-se. James deu-lhe um chute na boca, fazendo-o engolir alguns dentes.

— Agora vai descansar um bom tempo na cadeia, depois será expulso da cidade, eu não resolver enforcá-lo antes disso — finalizou o homem da lei, agarrando o pistoleiro pelos colarinhos e arrastando-o para fora do saloon.

* * *

O bandido amarrado à árvore tinha o rosto coberto de sangue. Arrows aproximou-se dele, enquanto falava com Mac Malcon, sentado numa pedra sob a sombra.

— Acho que este falará.

— Como sabe disso?

— Pressentimento — disse o índio, jogando um pouco de água na cara do pistoleiro. — E então, idiota, qual é o seu nome?

— Jack — respondeu o outro, com um gemido.

— Muito bem, Jack. Vamos falar sobre assaltos, o que acha?

— Não sei nada sobre os assaltos...

Não terminou. Arrows acertou-lhe um murro no nariz, fazendo o sangue gotejar.

— Não minta para mim, animal. Fale o que sabe — insistiu o índio.

— Eu não posso falar nada — choramingou o outro.

Mac Malcon, observando a cena, perguntou a Arrows.

— Ainda sabe escalar um homem, índio? Sempre tive vontade de aprender a fazer isso.

— Isso nenhum índio esquece como fazer. É muito fácil — respondeu, fitando os olhos aterrorizados do prisioneiro.

— Como se faz? — insistiu o escocês.

— Bem, primeiro amola-se bem a faca — acrescentou o índio, sacando sua faca e examinando o fio. — Ela tem que cortar muito bem para o serviço ser perfeito...

— Espere aí, não pode fazer isso... Não é justo... — protestou o bandido.

— Ninguém aqui está falando em justiça, imbecil. Estou ensinando o meu amigo ali, não percebeu! Cale a boca!

— Até aí eu entendi, índio. E depois? — indagou o escocês.

— Depois é só cortar em linha reta assim — disse, passando a faca pela testa do prisioneiro, que esperneou, urrando de dor.

— Não... Pare... Não deixe ele fazer isso comigo... Eu falo...

— Muito bem, estou gostando de ver. Já participou mesmo de muitos assaltos?

— Sim, vários...

— Então devem ter um local para esconder o produto do roubo. Sei que roubam tanto

ouro purificado quanto minério bruto. Onde está tudo isso?

— Nas colinas... Há uma gruta sobre aquela cachoeira a oeste daqui...

— Há sentinelas?

— Sim, cinco pelo menos, dia e noite.

— Todo o ouro está lá?

— A maior parte... Fora o que já foi gasto... Só tiramos o necessário...

— É o bastante — disse Arrows, aproximando-se de Mac Malcon. — Descobrimos algo muito interessante.

— Acho que James vai gostar de saber disso. Vamos levar o prisioneiro de volta para a cidade.

Mac Malcon foi soltar os pulsos do pistoleiro, presos à árvore. Quando soltou o nó, o pistoleiro se voltou rapidamente, chutando-o nos rins.

O escocês gemeu e dobrou os joelhos. O bandido tentou sacar sua arma, mas Arrows percebeu o que estava acontecendo e arremessou sua faca, atravessando a garganta dele.

Jack ainda tentou correr, mas golfadas de sangue saíam de sua boca, enquanto ele tentava arrancar a faca.

— Bastardo! — berrou o escocês, furioso, disparando e acertando-o na espinha.

O pistoleiro tombou e esperneou na poeira.

— Está morto. Vamos deixá-lo para os coiotes — disse o índio, indo apanhar sua faca.

Pouco depois afastavam-se a galope, dirigindo-se para a cidade, onde se reuniram com James e Scotty.

— Descobrimos onde eles guardam o produto dos roubos — informou o índio.

— Bom, muito bom mesmo. Agora precisamos traçar um plano de ação então — disse James.

A conversa não pôde continuar, sendo interrompida por tiros que vinham do lado do banco.

— É um assalto! — informou Scotty, que corraera até a janela.

— Vamos detê-los, pessoal — ordenou James, apanhando um laço. — Arrows, pegue a ponta.

Enquanto o índio segurava a ponta, James atravessou a rua e postou-se do outro lado da rua, aguardando a passagem dos cavaleiros que se aproximavam a todo galope.

— São seis — avisou Arrows, após terminar de amarrar a ponta da corda numa viga do alpendre.

Quando os cavaleiros estavam bem próximos, James puxou a corda e travou-a ao redor de outra viga. Os cavalos tropeçaram, lançando seus cavaleiros alguns metros à frente.

Um deles caiu sobre o pescoço, partindo-o num ruído seco. Os outros cinco se levantaram disparando, mas os ajudantes do xerife já haviam sacado suas armas e faziam fogo.

A rua encheu-se de fumaça. James também sacou e atirou. Entre dois fogos, os ladrões foram crivados de balas, caindo na poeira cobertos de sangue.

— Bom trabalho, rapazes! — elogiou James.

Recolheram o produto do roubo e levaram de volta ao banco.

— Mataram dois empregados — informou Foubert.

— Eu sinto muito — lamentou James.

— Está fazendo um bom trabalho, xerife.

— Obrigado, Foubert, mas devo muito aos meus auxiliares. E por falar nisso, a cinco dólares por cabeça tenho mais noventa e cinco dólares para receber. Dez presos, Trigger e três homens e estes seis.

O banqueiro fez o pagamento.

— O que pretende fazer com aqueles dez que prendeu?

— Nove — corrigiu Arrows. — Um morreu ao tentar fugir.

— Vamos enforcá-los como exemplo. Feargus Dundee vai adorar ver isso.

— Não vai julgá-los primeiro?

— Eles já foram julgados, Sr. Foubert. Não vamos obrigar jurados a correrem riscos

condenando esses bandidos. A lei aqui será rápida. Não temos tempo de esperar pela passagem do juiz. Eu represento a lei aqui e decidi assim. Serão enforcados amanhã.

— Pergunte da reunião — lembrou Scotty.

— Sim, é verdade. Soube que convocaram uma reunião dos cidadãos para hoje à noite.

Qual será o assunto?

— É melhor que saibam de tudo na própria reunião.

— Está bem, estaremos lá.

James e seus auxiliares voltaram para a cadeia, onde ele repartiu o dinheiro pela morte dos bandidos, depois sentou-se a sua mesa.

— Estou com fome, rapazes. Não comi nada ainda hoje.

— Há uma pensão ali na esquina, com uma comida muito boa. Se você se apressar ainda pega o almoço.

— Então cuidem de tudo, enquanto vou até lá.

James dirigiu-se ao local e entrou. Estava repleto de mineiros e vaqueiros. Encontrou uma mesa vazia. Sentou-se e aguardou. Pouco depois uma linda jovem foi servi-lo.

— É um prazer recebê-lo aqui, xerife. O que vai ser?

— Estou morto de fome...

— Vou lhe trazer nosso prato especial — disse ela e, quando retornou, trazia uma grande bandeja nas mãos.

Um dos mineiros estendeu a mão e apalpou a perna dela. Surpresa, a garota tentou escapar da mão boba e tropeçou, derrubando a bandeja. Os homens riram divertidos.

James se levantou e foi até o mineiro.

— Ponha-se em pé — ordenou ele.

— Calma aí, xerife, eu só estava me divertindo um pouco...

— Que tal divertir-se assim? — respondeu James, socando-o na boca e derrubando-o no assoalho.

— Está bem, xerife, eu peço desculpas... Pagarei o prejuízo da garota... Não fiz por mal...

— Pois aprenda a sua lição, homem.

James voltou para sua mesa. A garota não estava à vista, mas pouco depois reapareceu com outra bandeja. Colocou-a sobre a mesa, olhando agradecida com seus grandes e lindos olhos.

— Como é seu nome, garota?

— Sally.

— Cuida disso sozinha?

— Sim, o restaurante é de minha mãe.

— É um trabalho duro para uma garota.

— Não me importo. Gosto de fazer isso...

— Se tiver algum problema por aqui, não hesite em me chamar. Meu nome é James — disse ele, estendendo a mão.

Apertou entre seus dedos os dedos finos e delicados da garota.

— Tem folga em seu trabalho?

— Às vezes.

— Qualquer hora passo para pegá-la e levá-la a um passeio. O que me diz?

— Vou adorar isso, xerife — sorriu ela.

— Você é muito bonita, Sally, sabia?

— Obrigada, James, bondade sua — sorriu ela, afastando-se, sempre olhando-o por sobre o ombro.

Capítulo 6

O figurão estava possesso. Parecia que Feargus Dundee introduziria o cano do revólver na boca de um dos seus capangas, mas depois acalmou-se e foi se sentar.

Acendeu um charuto e ficou baforando, enquanto olhava os homens presentes na sala.

— Muito bem, vamos tratar desses problemas todos um por vez. Acho que tenho que tomar a frente de tudo, senão nada acontece. Vocês são uns inúteis mesmo. O que vem a ser essa reunião do Conselho da cidade?

— Ninguém sabe de nada, chefe...

— Ninguém sabe do que se trata?

Todos ficaram calados.

— Bem, na certa estão tramando algum novo plano contra mim. Querem me prejudicar. Querem prejudicar meus negócios, esses bastardos. Mas estive pensando. Quem nomeou esse xerife? Alguém aqui participou de uma eleição?

Os homens se entreolharam, surpresos.

— Isso é muito irregular, então — falou ele.

— Como assim, chefe? — quis saber um dos homens, logo acompanhado de todos os outros.

— Qualquer imbecil sabe que é preciso uma eleição para a se ter um novo xerife.

— E o que pretende fazer, xerife?

— Vou protestar e exigir uma eleição.

— Sim, e mande chamar Murdock. Ele será nosso candidato.

— Mesmo assim, acho que não teremos chance, chefe. Esse xerife já conseguiu se impor...

— Eu sei o que fazer, não se preocupe. Quanto a esse xerife, precisamos descobrir seu ponto fraco. Ele deve ter um. O que me intriga é que eu acho que conheço esse sujeito. Avise os rapazes para ficarem de olhos e ouvidos abertos. Se virem ou ouvirem alguma coisa interessante sobre esse xerife, avisem-me.

— Certo, chefe. Falando nisso, eu o vi saindo da casa da Eliza hoje.

— Eliza? Verdade?

— Sim. Primeiro ele atira no garoto, depois vai fazer uma visita para ele. Estranho, não?

— Sim... E isso me faz lembrar que preciso também fazer uma visita. Quero que faça o seguinte, enquanto isso...

Assim que terminou de dar suas ordens ao capanga, Feargus se dirigiu para a casa de Eliza, visitar Bill.

— Olá, rapaz! Como está? Parece que teve azar desta vez.

— Sim, ele nos pegou a todos de surpresa. Eu sinto muito pelos rapazes que morreram...

— Eu é que tenho que me desculpar, Wyatt. Não devia ter mandado um bando de incompetentes protegê-lo.

— Aquele xerife veio aqui me visitar. Eu estava dormindo. Falou com minha mãe. Deve tê-la aborrecido muito, porque ela chorou...

— Não sabe sobre o que falaram?

— Não, não sei. Como eu disse, estava dormindo quando ele veio aqui. Só que minha mãe parecia já conhecê-lo. Tive esta impressão...

— Isso é muito interessante, Wyatt, mas não se preocupe com nada. Trate apenas de ficar bom logo.

— Dentro de alguns dias já estarei em pé novamente.

— Ótimo! Quando ficar bom, quero que vá ao rancho e escolha um bom cavalo. Acabei de receber uma partida de cavalos do México. Há alguns potros muito bons entre eles.

— Obrigado, Sr. Feargus!

Dali Feargus se dirigiu ao armazém, onde Eliza trabalhava. Estava realmente curioso a respeito daquele xerife.

— O quer aqui, Feargus? — indagou ela, secamente.

— Fui vero garoto...

— Ele estaria bem, se você não o ensinasse a lidar com aquela maldita arma...

— Não vamos discutir isso agora.

— Por que veio me procurar, então?

— Soube que o xerife esteve lá e que conversou com você. Já o conhecia?
— Não é de sua conta.
— Tudo o que acontece nesta maldita cidade é de minha conta — disse ele, segurando-a pelo pulso e torcendo-o. — Quem é ele? Você já o conhecia?
— Nada lhe direi...
— Você o conhecia, sei disso agora. Mas eu descobrirei, cedo ou tarde, não se preocupe — falou ele, soltando-a.
— Você é um covarde, Feargus, mas seu dia chegará logo. Terá que se haver cedo ou tarde com o xerife.
— Os dias dele estão contados nesta cidade.
— Não queira me enganar. A cada dia que passar você perderá mais e mais capangas, até ficar sozinho. Então terá de ajustar contas com a cidade...
— Cale-se, idiota! Quando isso acontecer, eu já estarei longe daqui, na Europa, gozando minha fortuna.
— Eu duvido. Vai morrer na ponta de uma corda como os seus homens que serão enforcados...
— Quem lhe disse isso?
— Está se espalhando pela cidade. O xerife decidiu enforcá-los...
— E por quê? Não há acusações contra eles...
— Há uma muito grave: eles trabalham para você, não percebeu ainda?
— Aquele maldito xerife! — vociferou o figurão, dando meia-volta e dirigindo-se de volta ao seu escritório.
Chamou alguns de seus homens.
— Quero vinte homens prontos hoje à noite. Dez deles irão armar uma confusão no saloon. Os outros vão invadir a cadeia e soltar os rapazes.
— Invadir a cadeia, chefe?
— Sim, e matar aquele xerife e seus malditos ajudantes. Façam o que for preciso, mas quero aqueles homens na rua hoje à noite — determinou ele.
— Entendido, chefe! — arrematou o capanga, indo tomar as providências.

* * *

Arrows e James deixaram seus cavalos ocultos atrás de algumas rochas, depois subiram por um verdadeiro labirinto, até um posto de observação privilegiado.

— É ali — apontou o índio.
Ao lado de uma cachoeira via-se a entrada de uma caverna. Rastos de carroça e de cavalos indicavam que o local era muito freqüentado.
— Sim, mas há mais do que apenas cinco homens vigiando.
— Doze ao todo — observou o índio.
— Não vai ser um trabalho delicado. Vamos precisar da ajuda dos outros.
— Talvez eu possa apanhar um por um com a faca...
— Não, seria muito arriscado. É dia ainda e você poderia ser visto. O importante é que agora sabemos onde é o esconderijo.
— Quando atacaremos, então?
— De madrugada. Vamos para a cidade agora. Trataremos tudo com Mac Malcon e Scotty.
— Quer que eu fique vigiando?
— Não, eles não suspeitam de nada e não irão a parte alguma com todo o ouro que devem ter lá dentro.
Cavalgaram para a cidade. Na cadeia, Scotty os recebeu apreensivo.
— Estou observando um estranho movimento na cidade — comentou.
— Como assim? — quis saber James.
— Muita gente, homens de Feargus Dundee.

— Muitos?

— Sim, muitos. Estão se espalhando por aí.

— Devem estar tramando livrar os amigos da cadeia. Já devem estar sabendo que os enforcaremos amanhã — deduziu James.

— Feargus pode estar ficando desesperado. Se ele conseguir libertar os homens presos, vai se fortalecer e voltar a ser temido de novo pelos cidadãos — opinou Scotty.

— É, acho que tem razão, Scotty. Eu também tentaria isso no lugar dele. Mas vamos tomar nossas precauções. Vá ao armazém e requisite uma caixa de dinamite.

— Dinamite? — surpreendeu-se o auxiliar.

— Sim, isso mesmo. Mac Malcon, avise as pessoas que moram ao redor da cadeia que procurem passar a noite fora de casa hoje.

— Vai explodir a cadeia? — surpreendeu-se o escocês.

— Ele é mesmo louco. Eu sabia — falou Arrows.

— A idéia é essa, mas espero não precisar fazer isso.

— Acho que poderemos enfrentar esse bando...

— Vamos estar ocupados nesta madrugada. Não poderemos vigiar a noite toda.

— E o que vamos fazer nesta madrugada? — quis saber Scotty.

— Vamos roubar os ladrões.

— Roubar os ladrões? — surpreenderam-se Mac Malcon e Scotty.

— Sim, é isso mesmo. Arrows, vá a cocheira e mande que deixem preparadas quatro carroças. Acho que dará para transportarmos o que há lá na caverna.

— Vai ser uma noite movimentada, rapazes — comentou Scotty. — Só espero estarmos vivos para ver o amanhecer de um novo dia.

— Prometo que estaremos — afirmou James.

* * *

Naquela noite, enquanto seus homens vigiavam a cadeia, James foi à reunião com os cidadãos de Goldrock. O xerife pediu logo a palavra.

— Antes de mais nada, gostaria de saber quanto acham que Feargus Dundee e seus capangas já roubaram até agora.

— É difícil afirmar — comentou o banqueiro, pensativo. — Talvez uns cem mil dólares, pouco mais, pouco menos...

— Tudo isso já?

— Sim, por quê?

— Porque proponho que paguem dez por cento do que eu e meus homens conseguirmos recuperar. O que me dizem?

— Se conseguir recuperar, eu pago com satisfação — disse um dono de mina.

— Eu também — afirmou outro.

— Meu banco também. Tem alguma idéia de onde isso possa estar escondido?

— Descobriremos cedo ou tarde. Agora gostaria de saber por que convocaram a reunião?

— Lembramo-nos que você é nosso xerife, fazendo um bom trabalho por sinal, mas de forma irregular. É preciso que haja uma eleição — lembrou Franklin.

— Eleição? E os roubos? Os assassinatos? E o último xerife morto? Creio que não é hora de se pensar nisso, mas de agir...

— Não podemos deixar nenhuma brecha nisso, xerife. Se conhecemos Feargus, ele pode inverter a situação e acabar se saindo bem por causa de um detalhe legal. Lembre-se, ele tem amigos em Washington.

Nesse momento, a porta se abriu e Feargus Dundee, acompanhado de três de seus capangas, entrou. Os olhos de James faiscaram.

— O que faz aqui? — indagou-lhe o xerife.

— Sou um cidadão e como qualquer outro posso tomar parte da reunião.

— É uma reunião para homens e não para ratos — disse James, secamente.

Os rês homens de Feargus tomaram imediatamente as dores de seu patrão e tentaram sacar suas armas.

Um deles recebeu um tiro entre os olhos, o outro tombou com o coração varado e o último deles teve seu crânio arreventado por uma bala que espalhou seus miolos na parede.

Tudo se passou num piscar de olhos. A pistola de James ainda fumegava, quando se aproximou de Feargus.

— Veio participar da reunião ou tumultuá-la — indagou James.

Feargus encarou-o com ódio, depois virou as costas e saiu, possesso.

— Preciso ir agora. Avisem-me sobre o que decidirem — pediu James, indo para a cadeia reunir-se com seus ajudantes.

Uma vez lá, James mandou pôr bastante lenha no fogão, depois retirar a chapa. Fez dois pacotes de dinamite e amarrou o primeiro deles num cordão, passando por uma viga no teto e indo até a tranca da porta dos fundos. Se a porta fosse aberta, o cordão se arreventaria.

O outro pacote seria preso da mesma forma ao trinco da porta da frente. Se fosse aberta de uma vez, sem o cuidado de se segurar o fio, ele arreventaria também.

— Acho que entendi. Se eles tentarem entrar aqui, vão todos pelos ares — observou Scotty.

— Xerife, você é maluco? Não pode fazer isso conosco — protestou um dos prisioneiros, percebendo a armadilha.

— Cale-se, imbecil, ou meto-lhe uma bala na boca.

— E agora, o que acontece? — quis saber Arrows.

— Com certeza vão tentar distrair a nossa atenção...

Como que confirmando sua previsão, o barman bateu desesperadamente na porta. Scotty abriu-a.

— Xerife, eles estão acabando com o saloon...

— Eles quem?

— Os homens de Feargus Dundee.

— Quantos são?

— Uns dez.

— E o que fazem?

— Brigam entre si.

— É como eu disse, rapazes — falou James. — Segundo Scotty, eles devem ser uns vinte. Se não estão emboscados por aí, virão para soltar os amigos. Vamos lá, mas vamos com cuidado.

Após preparar a armadilha na porta da frente, os quatro foram para o saloon. Pararam próximo dele, observando a situação.

— Isso não está me cheirando bem — comentou Scotty.

— Eu também sinto isso — respondeu James.

— Posso chegar ao telhado e entrar por um dos quartos e examinar o que se passa lá dentro — disse Arrows.

— Acho que é uma boa idéia, índio. Faça isso — falou James, examinando sua espingarda.

Agilmente Arrows se aproximou do prédio do saloon e escalou uma calha de água, chegando até uma janela. Entrou num dos quartos e saiu para o corredor.

Viu, então, dois homens no fim do corredor, armados de rifles. Avançou silencioso como uma sombra, com sua faca na mão. Rapidamente caiu sobre o primeiro, cortando-lhe a garganta. Quando o segundo começou a tomar conhecimento do que estava acontecendo, a faca também cortava seu pescoço.

Ele apanhou um dos rifles, depois retornou até a janela, fazendo um sinal para que os seus amigos entrassem após ouvirem um tiro.

Retornou ao fim do corredor. Junto ao balcão havia um homem com um rifle, apontado para a porta. Arrows mirou nele e fez o chapéu voar de sua cabeça, juntamente com seus

miolos.

Todos se voltaram para olhar na sua direção. James e os outros aproveitaram para entrar com suas armas engatilhadas.

— Todo mundo de mãos para cima — ordenou James.

— Vá para o inferno, xerife! — respondeu James, despedaçando seu peito com um disparo de sua espingarda.

Foi o estopim que deflagrou o tiroteio que em poucos instantes encheu o saloon de fumaça e cheiro de sangue e pólvora misturados.

Os três homens da lei acabaram entrincheirados atrás das grossas pranchas de madeira do balcão, onde as balas adversários se encravavam generosamente.

— Como está a situação aí, Arrows? — gritou-lhe James.

— Tenho todos eles em minha mira. Nenhum deles sairá com vida daqui.

— Ouviram isso, seus bastardos? Rendam-se ou morrerão...

Uma bala passou a uma polegada de sua cabeça. O atirador deu um grito, enquanto era arremessado para trás, após Arrows tê-lo atingido.

— E então, homens? Vocês não têm chance.

Novamente o tiroteio encheu o saloon de fumaça. Se seu posto, Arrows atingia um por um os homens lá embaixo. Os que tentavam sair caíam na mira de James e dos outros.

Enquanto isso, na cadeia, os prisioneiros olhavam ansiosos para as trancas das portas, aguardando algum movimento.

— Acha que eles virão? — indagou um deles, trêmulo de medo.

— Tenho certeza que sim. Ouça esse tiroteio. Na certa estão pegando o xerife e seus homens.

— Será o nosso fim e o deles...

— Não se pudermos avisá-los...

Alguém notou movimentos no trinco da porta dos fundos.

— São eles, nos fundos — gritou.

— Ei, rapazes! Não entrem! É uma armadilha! — gritaram todos eles, agarrando-se desesperadamente nas grades da cela.

— Não entrem... — insistiram.

Lá fora os homens hesitaram, olhando-se.

— O que acha, Wilson? — indagou um deles.

— Tem certeza que o xerife e seus auxiliares ainda estão no saloon?

— Sim, ouça o tiroteio.

— Parece que estão avisando sobre uma armadilha...

— Que diabos! Talvez devêssemos entrar pela porta da frente.

— E se tudo não passar de um truque? E se o xerife obrigou os rapazes a nos pedirem isso?

— Que armadilha ele pode ter feito? É só abrímos com cuidado a porta.

Lá dentro os bandidos presos continuavam gritando em desespero.

Wilson e seus homens estavam resolvidos. Segurando um pesado tronco eles recuaram, depois avançaram, batendo-o contra a porta, que cedeu e eles foram cair lá dentro.

A última coisa que viram foi um pacote muito familiar caindo dentro do fogão e um outro ficar balançando encima.

Ficaram alguns segundos olhando um para o outro, tentando descobrir o que aquilo significava.

Uma luz intensa ofuscou-lhe os olhos e seus corpos foram feitos em pedaço, quando os dois pacotes explodiram quase que ao mesmo tempo.

O estrondo estremeceu a cidade e fez cessar o tiroteio no saloon. O último dos pistoleiros havia sido atingido pelo rifle certeiro de Arrows e estrebuchava numa poça de sangue.

— Maldição! Ficamos sem cadeia! — exclamou James.

— Não deve ter sobrado ninguém lá. O que fazemos agora?

Vamos para o estábulo apanhar as carroças. Vai haver muita confusão por aqui. Acho

que é o momento certo para agirmos — decidiu o xerife.

Ele e seus ajudantes foram para a cocheira, onde as carroças estavam prontas, à espera deles.

— Só espero que nenhum inocente tenha morrido na explosão — lembrou James.

— Não se preocupe, xerife. Falei com todos ao redor da cadeia e todos concordaram em cooperar. Depois, se examinei direito, aquelas paredes são reforçadas. Os estragos nas casas vizinhas serão mínimos, pode acreditar.

— Assim espero — falou o xerife.

Capítulo 7

A cidade estava em polvorosa. Aproveitando-se da confusão que se seguiu ao tiroteio e à explosão, James e seus ajudantes apanharam as carroças e se dirigiram para o esconderijo onde estava o ouro.

O plano era retirá-lo de lá e escondê-lo em outro lugar. Arrows conhecia inúmeras cavernas na região e uma delas guardaria o tesouro.

— Por que vamos esconder esse ouro, ao invés de levá-lo para a cidade e entregá-lo a seus donos? Poderíamos receber logo nossa recompensa de dez por cento — lembrou Scotty.

— Há uma coisa que me intriga em tudo isso e pretendo descobrir. Além disso, todo esse ouro junto na cidade pode ser ainda mais perigoso.

— Você parece suspeitar de algo mais. Não vai nos dizer de que se trata? — indagou Scotty, depois que haviam chegado e deixado as carroças um pouco afastado para se aproximarem em silêncio.

— Pode parecer bobagem, mas o que me deixou intrigado foi perceber que os bandidos sabiam o momento certo de agir. Como Feargus ficava sabendo das datas, horários e percursos?

— Entendo onde quer chegar — observou Scotty. — Acha que tem mais gente por trás disso?

— É a minha suspeita, por isso acho mais prudente esconder o ouro. Além disso, tenho um plano. Se ele der certo, descobriremos todos os envolvidos nesses roubos. Tenho quase que certeza que Feargus não está nisso sozinho.

Chegaram, finalmente próximos da entrada da caverna. Havia uma fogueira do lado de fora e cinco homens dormiam. Um sexto vigiava, mas parecia despreocupado e sonolento demais para perceber qualquer coisa.

— Trouxe o arco como pedi? — indagou James ao índio.

— Sim, está aqui.

— Ok! Tente pegar o sentinela. Se conseguirmos levar esses homens junto, acho que poderemos acabar com Feargus e seus cúmplices — falou James.

O índio apanhou uma flecha e fez mira cuidadosamente. Ventava um pouco. Ele hesitou.

— Talvez eu não o mate — avisou ele.

— Não importa. Pelo menos teremos o elemento surpresa. Fiquem prontos, rapazes — ordenou James.

Conforme o índio previra, o vento tornou o disparo incerto. A flecha atingiu o alvo, atravessando o peito do sentinela, mas ele ainda conseguiu disparar um tiro.

Os outros homens levantaram-se, procurando por suas armas. A escuridão e a surpresa favoreceram James e seus amigos. O tiroteio foi rápido. Quanto tudo terminou, apenas cinco corpos estavam caídos.

— Um deles escapou, mas pode estar ferido. Não importa. Vamos tratar de transportar isso imediatamente. Ao amanhecer quero estar de volta à cidade — determinou o xerife.

Caixas e sacos com minério foram carregados para as carroças. Arrows foi na frente, guiando os outros por terrenos que ele tão bem conhecia, de modo a não deixar pistas.

Após terem descarregado tudo numa outra caverna, voltaram para a cidade e foram direto

para a pensão de Sally. O dia já estava amanhecendo e muita gente tomava seu desjejum. A garota demonstrou muita alegria ao vê-lo de novo, tratando de servi-los prontamente.

— Arrows, vou precisar de sua ajuda. Sabe de outras cavernas onde poderíamos ter escondido aquele ouro?

— Sim, há muitas na região.

— Preciso da localização de duas delas.

— Para quê?

— Um plano.

— Podemos saber qual é o plano? — perguntou Scotty.

James explicou-lhes rapidamente o que tinha em mente.

— Tenho de concordar que é uma boa idéia — falou Scotty.

— Vamos precisar da ajuda de mais dois homens de nossa inteira confiança. Conhecem alguém?

— Posso pedir a ajuda de dois amigos da tribo — disse Arrows.

— Ótimo! Vão servir — confirmou James.

— Quanto às cavernas, há uma delas no Desfiladeiro da Águia e outra nas proximidades do rio, no Passo do Pés-pretos.

— Excelente, Arrows! Pode pedir aos seus amigos que fique um em nas proximidades de cada uma dessas cavernas? Se aparecer alguém por lá, quero que sejam seguidos e que descubram com quem eles falam depois disso. Quero saber de quem recebem ordens, entendeu?

— Entendido.

— Enquanto isso, Scotty e Mac Malcon, vão até a cadeia e vejam o que sobrou daquilo tudo.

— Vai começar a primeira parte do plano? — indagou Scotty.

— Sim, isso mesmo.

Assim que seus amigos saíram, James tomou mais um gole de café e, quando ia se levantar, Sally se aproximou.

— Já vai, xerife?

— Sim, Sally! O trabalho me espera.

— E que trabalho, xerife! Todo mundo está comentando sua decisão e coragem ao enfrentar Feargus Dundee.

— Só espero não estar exagerando...

— Não, essa corja tem que ser trata assim mesmo, xerife.

— Você queria alguma coisa comigo? — indagou ele, abrandando o tom de voz e olhando-a nos olhos.

— Bem, fiz uma torta de morango. Estou tirando do forno. Não gostaria de prová-la?

— Eu adoraria — confessou ele, sentando-se de novo.

Pouco depois a garota retornou com um prato e uma generosa fatia de uma deliciosa torta. Ao entregar o prato para ele, James reteve a mão dela.

— Você é mesmo uma garota e tanto, Sally. Já tem namorado?

Ela sorriu de um modo todo especial.

— O que significa esse sorriso?

— Todos por aqui estão dizendo que eu sou a garota do xerife.

Ele olhou para ela e sorriu também.

— É... Gostei! — disse ele, encabulado.

* * *

Feargus estava furioso. Já havia esmurrado a cara do pobre homem que, mesmo ferido, viera avisá-lo sobre o ataque à caverna naquela madrugada.

— Viu quem era?

— Não, estava escuro. Sei que eram muitos e havia alguns índios no meio também.

— Índios?

— Sim. Greg, que estava de vigia, foi flechado no peito.

— Índios? Pois sem quem era esse índio. Maldito xerife! Foi ele e seus homens. Mas como descobriu? Peter, onde está Murdock?

— Deve estar dormindo ainda, no hotel.

— Vá acordá-lo. Peça que siga as pistas que encontrar. Quero saber para onde levaram o outro. Há muita coisa lá para ser deixada de lado.

— Para a cidade não trouxeram nada, chefe. Vimos quatro carroças vazias na cocheira. Pelo estado dos cavalos, tiveram muito trabalho à noite.

— Só confirme, então. Tenho certeza que foram usadas pelo xerife e seus homens. Agora mexam-se. Quero começar a ver resultados por aqui ou cabeças começarão a rolar.

Assim que ficou só, Feargus acendeu um charuto e ficou pensativo, sentado a sua escrivaninha. Uma idéia lhe ocorrera e parecia ser a única chance de encontrar o ponto fraco do xerife.

Apanhou seu chapéu e saiu. Dirigiu-se à casa de Eliza. Lá chegando, encontrou Wyatt no alpendre da casa, sentado.

— Vejo que está melhor. Já pode se levantar?

— Sim, o médico me disse que podia.

— Isso é bom, muito bom mesmo. Em breve estará correndo por aí de novo.

— E aquele maldito xerife? Está fazendo o diabo na cidade...

— Vou pegá-lo, não se preocupe. É só uma questão de tempo.

— Gostaria eu mesmo de lhe meter uma bala entre os olhos... — disse Wyatt, furioso.

— Fique calmo, Wyatt. Talvez tenha essa chance ainda.

— Quando?

— Procure ficar bom, depois conversaremos sobre isso. Quando acha que poderá cavalgar?

— Em um ou dois dias, acredito eu.

— Eu o procuro depois.

Feargus despediu-se do garoto e voltou ao seu escritório. Pouco depois recebia uma visita inesperada.

— Bom dia, Feargus!

— O que quer aqui? Ficou maluco em aparecer durante o dia?

— Eu tinha uma notícia para lhe dar e não podia esperar...

— Fala do nosso ouro, roubado pelo xerife?

— Mais ou menos. E se eu lhe disser que sei onde ele está?

— Sabe? Como descobriu?

— O xerife me contou há pouco. Não suspeita de nada.

— Maldito seja você por ter trazido esse homem para cá.

— Não pude fazer nada, foi pressão do Conselho de Cidadãos. Eu lhe disse que isso poderia acontecer e que cedo ou tarde encontraríamos o homem certo para o posto. Toda a idéia foi do Carlson. Ele e Franklin cuidaram de tudo. Eu nem conhecia aquele sujeito. Só recebi os relatórios dos homens da Pinkerton, que levantaram as informações sobre ele.

— Bom, não adianta discutir isso agora — descartou Feargus. — Se sabe onde está o ouro, diga logo.

— Naquela caverna do Desfiladeiro da Águia.

— Vou mandar Murdock verificar isso.

— Faça isso. Fiquei aflito com o que aconteceu.

— Não se preocupe. Fico mais aliviado, se for verdade, porque isso me deixa livre para cuidar de outro assunto.

— Que assunto?

— O xerife. Suspeito que descobri seu ponto fraco e vou me certificar disso.

— O que pretende fazer?

— Você saberá mais tarde. Agora trate de sair com cuidado, é bom que não o vejam. Poderia prejudicar nossa rentável sociedade.

— Está bem, mas avise-se assim que tiver notícias do ouro — pediu o outro.

— Eu farei isso, não se preocupe.

* * *

James se reuniu com seus homens, na hora do almoço, no restaurante de Sally.

— Tudo providenciado, Arrows?

— Sim, os homens estão lá, nas cavernas, vigiando.

— E quanto à cadeia, James? — indagou Scotty. — Não sobrou muita coisa, além das paredes.

— Já conversei com Foubert. Ele vai entrar em contato com os donos de mina e juntos construirão outra. Logo providenciarão tu do. Parece que estão satisfeitos com o nosso trabalho.

Enquanto eles conversavam, quatro dos homens de Feargus Dundee entraram no restaurante e foram se sentar ao lado da mesa ocupada por eles.

— Ainda acho que ela é uma vagabunda — disse um deles, em voz alta.

— Como pode afirmar isso? — indagou outro.

— E por causa daquele filho dela, que o chefe tanto mima...

— O que tem ele?

— Ora, crianças não nascem do nada, ou não sabia disso? Ela teve que se deitar com alguém para o bastardo nascer. Ele tem que ser filho de alguém, não?

— E quem pode ser o pai?

— Pode ter sido qualquer homem da cidade. Eliza nunca me enganou. Faz aquela pose de mulher séria agora, mas deve ter sido uma prostituta em sua época...

Ao ouvir o nome de Eliza, James sentiu o sangue ferver em suas veias. Virou-se e agarrou o homem pelos colarinhos.

— O que está dizendo aí?

— Isto, xerife — respondeu o homem, sacando sua arma e encostando-a na barriga de James.

Quando ia apertar o gatilho, a faca de Arrows desceu como um cutelo, decepando sua mão à altura do pulso. O homem urrou de dor, enquanto sua mão, ainda presa ao revólver, caía no assoalho.

James jogou-o no chão e pisou em seu pescoço, enquanto seus auxiliares apontavam armas para os outros três.

— De quem estava falando, escória? — indagou o xerife, possesso, apertando o pescoço do outro.

— De Eliza e de seu bastardo...

James chutou-o no queixo, pondo-o para dormir.

— Levem-no ao médico — ordenou aos amigos do ferido. — E não esqueçam a mão dele...

James procurou se acalmar, após agradecer Arrows pela pronta ação.

— Alguma coisa não me cheirou bem nisso tudo, James — comentou Scotty, assim que James se sentou de novo.

— Por que diz isso?

— Eles o provocaram e você reagiu...

— Perdi o controle quando ele falou daquela forma sobre Eliza e Wyatt...

— Pois é justamente isso que me deixou intrigado, James. Aquele homem parece ter feito aquilo com a intenção mesmo de provocá-lo. E é um dos homens de Feargus.

— Scotty tem razão, James — concordou Mac Malcon. — Mas qual é sua ligação com Eliza e Bill?

— É algo de quinze anos atrás, rapazes. Para encurtar a conversa, Wyatt é meu filho. Os outros se entreolharam.

- Será que Feargus sabe disso? — indagou Scotty.
- Não sei... Achem que usaria Wyatt contra mim?
- Isso o atingiria, James?
- Certamente que sim. Wyatt é meu filho, apesar de tudo...
- E o garoto sabe disso? — perguntou Arrows.
- Ainda não, mas terá que saber disso logo...

Sally se aproximou da mesa, trazendo café. Ao mesmo tempo, sussurrou algo ao ouvido de Arrows, que se levantou e saiu, retornando pouco depois.

- O que houve, Arrows? — quis saber James.
- Era um dos bravos que vigiava a caverna do Desfiladeiro da Águia. Disse que viu um homem percorrendo a região e examinando a caverna.
- Ele reconheceu o tal sujeito?
- Sim, pela descrição é Murdock, o encarregado de preparar o transporte de ouro ou minério.

— Murdock? Isso me faz lembrar de algo. Nos últimos tempos eu o tenho visto muito saindo do escritório de Feargus.

— Ele pode estar passando as informações para Feargus. Isso é importante. Como não se lembrou antes? — criticou-o James.

— Acho que só agora estou realmente livre dos efeitos de todo esse álcool que bebi nos últimos tempos, James.

— Está bem, está perdoado. Lembrem-se que perguntei a Arrows sobre a localização de duas cavernas? Para Franklin e Carlson eu contei que escondera o ouro na caverna do Passo dos Pés-pretos. Para o banqueiro disse que o escondera no Desfiladeiro da Águia. Percebem onde isso nos leva?

— Claramente! — exclamou Mac Malcon. — Murdock, como encarregado do transporte do ouro, avisa Feargus dos carregamentos. O banqueiro informa dos depósitos no banco. Os homens de Feargus cuidam dos roubos e todos ficam felizes com o resultado. Só não entendo por que Foubert fez questão de contratá-lo, James...

— Isso teremos que descobrir, Mac Malcon. Vamos investigar isso também. Scotty, o que sabe sobre o banco de Foubert?

Scotty pensou por alguns instantes, depois bateu a mão sobre um dos joelhos, exclamando:

— Puxa, agora que você falou, eu me lembrei de algo importante. Acho que tudo está começando a ficar claro para mim agora.

— E o que tem de importante agora para nós?

— O banco não pertence mais a Foubert. Ele o vendeu para um grupo do Leste. Está apenas aguardando a chegada dos emissários de lá para transferir o controle de tudo. Creio que ele até já recebeu uma parte do pagamento e não foi pouca. Se vocês soubessem o que um bêbado escuta por aí... Ninguém se importa com ele.

— Já recebeu uma parte? O que ele anda tramando, então? Será que pretende tirar tudo que puder do banco, antes de entregá-lo.

— Com certeza. Facilita os roubos e vai juntando dinheiro. Não terá que pagar prejuízos futuros porque o banco não lhe pertence mais — falou Scotty.

— E o que vamos fazer, agora que sabemos de tudo isso? — indagou Arrows.

— Essa é a parte mais difícil. Trata-se de um complô muito bem feito. Temos todos os elementos nas mãos para entender os planos deles, mas nada poderemos provar. Como se trata de gente poderosa, temos que ter cuidado. Foubert frisou algumas vezes que Feargus tinha relações em Washington. Assim, não podemos simplesmente prendê-los e levá-los a um tribunal com o que temos.

— Então teremos que ser mais objetivos — opinou com ênfase Mac Malcon.

— Temos que fazê-los se moverem antes de agir, rapazes. Acho que sei como fazer isso.

— Como? — questionou Scotty.

— Vamos trazer aquele ouro de volta para a cidade. Vamos levá-lo todo para os cofres do

banco. Com certeza Feargus e seus capangas vão querê-lo de volta. Então nós teremos a nossa chance de pegá-los.

— Acha que dará certo? — indagou o índio.

— É tudo que temos, rapazes. Vamos arriscar.

— Acho que pode dar certo. Vamos tentar — opinou Scotty.

— Então, antes de mais nada, vamos buscar aquele tesouro e depositá-lo no banco.

Teremos nossos dez por cento de imediato. Quero que a cidade toda saiba disso. Com certeza isso vai ferir os brios de Feargus, forçando-o a reagir de alguma forma.

Sally se aproximou da mesa.

— Já terminaram o almoço? — indagou.

— Sim, Sally, obrigado! Estava excelente! — disse James.

— Mais café?

— Não, estamos satisfeitos.

— E um pedaço de torta de morango?

— Hoje não, Sally, mas obrigado mesmo assim — despediu-se James, levantando-se e saindo, seguido por seus homens.

— Vocês viram só como aquela garota olhava para James? E o modo como ela o trata?

Parece que está muito apaixonada por ele — comentou Mac Malcon, rindo.

— Ora, não seja cretino, Mac Malcon. A garota estava apenas sendo gentil — falou James.

— Mac Malcon tem razão — discordou Scotty. — Basta olhar nos olhos dela e perceber o quanto ela está apaixonada por você, James. Os olhos dela brilham como estrelas no céu...

— Será mesmo? — questionou James, parando e voltando os olhos na direção do restaurante.

Sally estava parada lá, olhando na direção deles. James acenou. Ela acenou em resposta, sorrindo feliz.

— Eu não disse? — insistiu Mac Malcon.

— Está caidinha por você, James... — ajuntou Scotty.

— E seu eu lhes disser que ela me agrada muito? — falou o xerife, com seriedade.

— Eu diria que é um homem inteligente, xerife — disse o índio.

Capítulo 8

Assim que saiu do restaurante, James passou pelo banco e avisou Foubert para que preparasse tudo para receber o ouro de volta.

Enquanto isso, Murdock, que recebera dos capangas de Feargus a indicação de que o ouro estaria escondido na caverna do Desfiladeiro da Águia, havia ido até lá investigar e retornara, indo ao encontro de Foubert, que rapidamente o levou para seu gabinete.

— E então, localizou o ouro?

— Investiguei aquela caverna de ponta a ponta e algumas outras que existem ao redor. Nenhum sinal do ouro.

— De qualquer modo, já não é importante. O xerife acabou de passar por aqui e informar que vai transportar o tesouro para cá.

— Deve haver um modo de impedirmos isso. Talvez armando uma emboscada...

— Não consegui descobrir onde ele escondeu o ouro. Assim, não sabemos de que direção ele virá para nos concentrarmos num determinado local para uma emboscada.

— Então o melhor a fazer é avisar Feargus disso, não?

— Tem razão, eu falo com ele.

— Vou marcar um encontro lá na cocheira. Poderemos conversar tranquilamente lá.

— Sim, faça isso logo.

— Gostaria de estar junto...

— Como quiser, Murdock. Acho que será importante nós três conversarmos...

Pouco mais tarde, os três homens se reuniram. Feargus estava duplamente satisfeito e parecia ter planos definidos, apesar de saber que o ouro estava retornando para o banco.

— Murdock — disse ele. — É bom você ir se preparando para ser o nosso novo xerife, pelo menos até acertarmos tudo, antes de partirmos para a Europa.

— Eu? Xerife? Como?

— Há um modo de anular o atual xerife. Estou preparando algo para ele e seus malditos ajudantes. Darei um sumiço neles. Depois, com a ajuda de Foubert no Conselho de Cidadãos, vamos conseguir sua eleição para xerife, substituindo James. Com você como representante da lei, será mais fácil pegar todo o tesouro só para nós.

— E como espera pegar o xerife? O maldito parece ter um relâmpago nas mãos...

— Eu sabia que conhecia aquele bastardo. É James John, o pai de Wyatt. O maldito está modificado, mas é ele mesmo.

— Mas eu sabia disso o tempo todo — interrompeu-o o banqueiro.

— Sabia? E por que não me disse antes?

— Pensei que soubesse também. Depois, estivemos tão ocupados ultimamente que nem conversamos a respeito.

— Tudo bem, não importa. A questão é anular aquele safado agora...

— E como espera fazê-lo?

— Vamos deixar que o xerife traga o ouro para o banco. Vai nos fazer um favor com isso. No momento oportuno, roubaremos tudo de novo. Para quando espera a chegada dos novos banqueiros?

— Devem estar aqui na próxima semana.

— Teremos tempo o bastante para liquidar James, limpamos o banco e darmos o fora para o Leste e de lá para a Europa.

— Parece-me perfeito — falou o banqueiro, no que foi apoiado por Murdock.

* * *

Naquela tarde, James e seus auxiliares entravam na cidade, com as carroças carregadas de ouro e minério. Pararam em frente ao banco. Foubert os esperava.

— Foi um belo trabalho, xerife. Vamos descarregar o ouro refinado e mandar o restante para a fundição. Assim que os lingotes estiverem prontos, serão trazidos para cá.

— Acho que isso resolve parte do problema, banqueiro, e os proprietários terão de encontrar uma forma para saber o que é de quem. Eu e meus homens vamos descarregar, mas precisaremos de ajuda.

— Depois disso, pode contar com uma nova cadeia, xerife. Verá que ela será construída rapidamente. Só espero que não queira dinamitá-la também.

— Não se preocupe, Foubert. Só farei isso se for absolutamente necessário — disse James, com seriedade, olhando aquele homem e revoltando-se por tanta falsidade.

Naquela tarde, James e seus homens se reuniram no restaurante de Sally para conversar, enquanto se iniciavam as obras da nova cadeia.

A garota não cabia em si de contente, a cada vez que via James, que não fazia questão de esconder sua satisfação ao vê-la, pois apreciava sua companhia e sua atenção.

— Esta cidade está calma de mais para o meu gosto — observou Scotty. — Pressinto que algo está sendo tramado por aí.

— Também não estou gostou dessa calma — ajuntou Arrows.

— Tenho observado a cidade. Não vi nenhuma movimentação extraordinária dos homens de Feargus. Será que ele vai desistir de recuperar aquele ouro? — indagou James.

— Se eu conheço um pouco daquele bandido, ele não vai desistir facilmente. Na certa está tramando um modo de nos tirar fora do caminho para ficar com todo o ouro. Temos de estar mais alertas do que nunca — aconselhou Scotty.

— Nisso você tem razão — concordou Mac Malcon. — Acho que devemos abrir bem os

olhos e esperar o pio.

— Vou dar uma olhada no banco e ver como vão as coisas — disse James. — Façam uma ronda na cidade depois, rapazes.

— Quer que eu vá com você? — indagou Scotty.

— Sim, boa idéia! Vamos! — concordou James.

Pouco depois os dois chegavam ao banco. Para espanto deles, apesar de ser horário de expediente ainda, o banco já estava com sua porta principal fechada.

James olhou para Scotty, enquanto sacava sua arma e examinava os arredores. A cidade estava calma. Poucas pessoas circulavam pela rua principal.

— Há alguma coisa errada nisso tudo, Scotty. Vamos ver...

Scotty também sacou sua arma. Ele e James aproximaram-se da janela do banco. A persiana do lado de dentro estava fechada, de modo que nada puderam enxergar do interior.

— Fique alerta, Scotty. Vou ver se a porta está aberta.

James se aproximou da porta e silenciosamente girou o trinco e empurrou. A porta estava trancada pelo lado de dentro.

— Vamos ter que agir de um outro modo. Dê a volta pelos fundos, Scotty. Quando me ouvir entrando, arrebente a porta e me dê cobertura. Acho que o banco está sendo assaltado.

— Não vamos pedir ajuda?

— Não há tempo.

— Está certo, vamos ver o que acontece, então.

James esperou até ter certeza que Scotty já havia se posicionado. Depois, disparou contra a fechadura da porta e chutou-a para dentro, entrando com a arma novamente engatilhada.

Foi recebido por dois balaços que assobiaram por seus ouvidos. Atirou-se no assoalho e rolou, até conseguir proteger-se atrás de uma mesa.

Naquele momento, Scotty entrava também, buscando imediatamente proteção.

Havia três homens lá dentro, apontando armas para os funcionários. Com a entrada de James e Scotty, ficaram um tanto atrapalhados.

James gritou para que os empregados se atirassem no assoalho e depois começou a atirar.

— Vamos tentar pegá-los vivos — gritou para Scotty.

Pegos entre dois fogos, os bandidos não tiveram chance. Dois deles caíram imediatamente, enquanto o terceiro deles largava as armas e se entregava.

James se levantou e caminhou na direção dele.

— Muito bem, rapaz. Não sabe com que ansiedade esperávamos que vocês viessem assaltar. Só não esperava que fossem tão poucos. Quem é seu chefe? Conte logo e evitará muito sofrimento para você.

— Eu sou o chefe do bando — disse o rapaz, trêmulo e pálido.

— Ele está se fazendo de inocente, James — disse Scotty. — Arrows e Mac Malcon vão fazê-lo falar.

— Espere, por favor! Eu sou o chefe do bando. Meu nome é Sam Jones e esses aí, mortos, são Buck Gable e Jesse O'Hara. Somos nós e mais ninguém...

James e Scotty se entreolharam.

— Eu os estou reconhecendo agora, James — falou Scotty. — Tínhamos uns cartazes sobre eles lá na cadeia. Eles valem algumas centenas de dólares. Não creio que estejam trabalhando para Feargus Dundee.

— Conhece Feargus Dundee? — indagou James ao prisioneiro.

— Quem é esse?

— É melhor dizer a verdade...

— Não estou mentindo. Somos só nós três...

— Diabos! E por que resolveram assaltar este banco?

— Estávamos de passagem e ouvimos falar do tesouro que há aqui dentro... As notícias estão se espalhando rapidamente, xerife. Logo este lugar estará infestado de ladrões, atrás do

ouro.

— Só me faltava essa! — exclamou James, preocupado. — Como se não bastasse Feargus Dundee e seus homens. Vamos levar este sujeito para a cocheira e acorrentá-lo, até a cadeia ficar pronta.

* * *

Um dos homens entrou correndo no escritório de Feargus, que estava na janela acompanhando a movimentação.

— O que houve?

— Três homens tentaram assaltar o banco, mas o xerife os pegou. Segundo um dos assaltantes, o único que saiu vivo, a notícia desse ouro todo no banco está se espalhando rapidamente e logo haverá muita gente de fora chegando aqui, interessado em roubá-lo.

— Tem razão, Clint. Acho que chegou a hora de agirmos ou perderemos nosso ouro. Avise todos os rapazes para se concentrarem lá no rancho, mas quero meia dúzia deles aqui comigo. Tenho um pequeno assunto para resolver.

Feargus deixou seu escritório e foi até a casa de Wyatt. O rapaz se exercitava, caminhando no alpendre apoiado numa muleta.

— Olá, Wyatt! Como se sente?

— Muito bem. Estou conseguindo caminhar.

— Ótimo! Onde está sua arma?

— Lá dentro, por quê?

— Pegue-o, vamos ver se não perdeu a forma.

— Está bem — concordou o rapaz, entrando em casa e voltando pouco depois com o cinturão.

Afivelou-o, depois verificou a carga de sua arma. Feargus havia apanhado algumas pedras e colocado sobre a cerca. Afastou-se e apontou-as para o rapaz.

— Vamos ver se pode acertá-las — desafiou ele.

Wyatt tomou posição e sacou velozmente, disparando várias vezes.

— Vejo que está em plena forma, garoto — elogiou Feargus, após constatar que o rapaz havia acertado todos os disparos.

— Sinto que estou um pouco lento...

— É falta de treino. Tem que se exercitar todos os dias.

— Farei isso...

— De qualquer jeito, você está muito bem, rapaz.

— Mas prometo melhorar ainda mais.

— Assim é que se fala.

— Tenho uma conta para ajustar com xerife — falou o rapaz, com rancor.

— Eu posso entender isso, Wyatt e estou disposto a ajudá-lo.

— Verdade?

— Sim, na verdade vim aqui para isso.

— E o que podemos fazer?

— Na realidade, eu preciso mesmo de sua ajuda, Wyatt. Aquele xerife tem alguma coisa pessoal contra mim. Está simplesmente prendendo ou matando meus rapazes por nada. Veja o seu caso, escapou por um milagre.

— Sei disso...

— Pois é. Já perdi muitos homens para aquele xerife e seu grupo de assassinos. Preciso que alguém dê uma lição nele.

— Eu cuidarei disso, Sr. Feargus. É o mínimo que posso fazer para agradecer tudo que tem feito por mim.

— Eu agradeço a sua ajuda, Wyatt, mas não posso deixá-lo enfrentar aquele sujeito sozinho. Tem que reconhecer que ele é rápido. Veja o que aconteceu com Trigger. Ele não lhe daria a menor chance...

— O que poderei fazer, então?
— Deixe tudo por minha conta. Você apenas terá que fazer o seguinte... — explicou Feargus.
Após ter exposto seu plano, ele indagou ao rapaz.
— E então, acha que poderá fazê-lo?
— É fácil, pode contar comigo.
— Bom garoto! Não se arrependerá, Wyatt. Pretendo fazer uma viagem em breve e talvez acabe ficando por lá. O que acha de morar no Leste?
— Não sei, mas me parece muito bom...
— Vai gostar de lá, Wyatt. Faça como eu mandei e tudo se ajeitará, eu lhe prometo — afirmou Feargus. — Eu logo voltarei e conversaremos mais.
O figurão retornou ao seu escritório, onde preparou seus homens.
— Vamos mesmo pegar o xerife, chefe? — indagou um deles.
— Sim, daqui a pouco.
— E vamos só nós?
— Não precisaremos mais do que meia dúzia de homens.
— E aqueles auxiliares?
— Juntos eles são perigosos, mas meu plano é separá-los — informou Feargus.
— Entendo! Pegaremos um por um?
— Sim, isso mesmo. E começaremos logo pelo mais perigoso — determinou Feargus. — Verifiquem suas armas e apanham munição. Este pode ser uma tarde muito movimentada — recomendou ele.
Os homens trataram de obedecê-lo. Pouco depois o grupo saía pela rua, na direção da casa de Eliza.

Capítulo 9

Um escritório foi improvisado junto ao Cartório de Terras, onde James e seus homens montaram sua base. James não saía da janela, olhando a todo momento a rua. parecia um pouco nervoso.
— O que o preocupa, James? — indagou Scotty, levando-lhe uma caneca de café.
James foi se sentar atrás da escrivaninha.
— Todo aquele ouro lá no banco, à espera de ser roubado e não teremos como evitar isso, se começarem a aparecer quadrilhas de fora. Até agora temos lidado com os homens de Feargus, mas acho que eles são nada comparados com os desesperados que podem começar a chegar aqui a qualquer momento. Se uma dessas quadrilhas de loucos tiver a idéia de roubar o banco, o que poderemos fazer para impedir?
— Podemos deixar que eles roubem o banco, mas não o ouro — disse Arrows.
— Como assim? — indagou-lhe James, curioso.
— Basta trocar aqueles sacos de ouro por sacos de areia e pedras sem valor e não precisaremos mais vigiar o ouro.
— Ei, esta é uma boa idéia! — exclamou Mac Malcon. — Esse índio não é nada burro.
— E como fazer isso sem que Foubert alerte Feargus imediatamente? — indagou James.
— Acho que há um jeito. Se falarmos com o contador do banco, acho que isso poderá ser arranjado. Eu o conheço bem, é um homem honesto e não concordará com o que Foubert anda fazendo. Ele tem a chave do cofre e do banco. Com a ajuda dele, nem Foubert nem Feargus ficarão sabendo de alguma coisa. O que me diz? — indagou Scotty.
— Acho que vale a pena tentar. Vamos esperar o banco fechar e Foubert ir embora para fazer isso — decidiu James. — Fale com o contador, Scotty, e convença-o a colaborar.
Scotty conseguiu o que pretendia. Após substituírem os sacos de ouro e minério por outros contendo areia e pedras, os quatro homens voltaram para o escritório. A noite se

aproximava rapidamente.

Um homem foi ao encontro de James.

— Xerife, tenho um recado para você.

— Para mim? O que é?

— Wyatt quer falar com você. A mãe dele me pediu para procurá-lo e dizer-lhe isso.

— Eliza?

— Sim, isso mesmo. Estão lá na casa, esperando por você.

James agradeceu e dispensou o homem que trouxera o recado.

— Você vai até lá? — indagou Scotty.

— Sim, eu vou e prefiro ir sozinho. Se Eliza me mandou chamar, o assunto é mesmo muito pessoal. Ela deve ter contado alguma coisa ao rapaz. Vocês voltem para o escritório e fiquem de olhos abertos.

— Está bem — concordaram seus auxiliares, enquanto James ia para a casa de Eliza. Hesitou um pouco, antes de bater na porta.

— Entre! — ordenou Wyatt lá dentro.

O xerife entrou e enfrentou o olhar cheio de ódio e rancor do rapaz.

— Sua mãe queria falar comigo?

— Não, xerife. Eu queria falar com você. Temos uma dívida a ser saldada...

— Esqueça aquilo, filho...

— Não me chame de filho! — respondeu o rapaz, rudemente. — Tenho uma ferida aqui na perna e devo-a a você.

— Teria preferido que eu o matasse?

— Você se meteu num assunto que não era seu...

— O rapaz está com a razão, xerife — disse Feargus, apontando uma arma para James. Até então estivera oculto atrás de uma porta, com seus homens. James foi cercado e desarmado.

— Deixe-me matá-lo agora — pediu Wyatt, sacando sua arma.

— Não, rapaz, aqui em sua casa não.

— Mas eu insisto...

Feargus se aproximou de James, encarando-o. Sorriu cinicamente.

— Eu devia ter reconhecido você, seu bastardo, mas fiz isso em tempo ainda. Não acha irônico isso, James? Wyatt está louco para matá-lo.

— Você é lixo, Feargus. Sempre foi...

— Cale a boca! — ordenou o outro, esmurrando-lhe o estômago. — Sim, Wyatt, o privilégio será seu. Apronte-se. Vamos para o meu rancho. Vamos preparar uma bela festa para sua vingança. Vamos na frente. Siga-nos assim que estiver pronto, rapaz. Quando chegar, tudo estará pronto para você.

Enquanto Feargus e seus homens levavam James, Bill foi calçar suas botas, apanhar seu chapéu e selar seu cavalo. Quando estava pronto para partir, sua mãe chegou do trabalho.

— Onde vai, Wyatt? O médico disse que deveria repousar esta semana.

— Vou fazer algo muito importante em minha vida, mãe. Vou matar o maldito que me feriu.

— Quem? — surpreendeu-se ela.

— O xerife.

— Não seja idiota, filho. Jamais poderá vencê-lo.

— Já o venci. Eu o peguei numa armadilha...

— Como assim?

Wyatt contou-lhe o que acontecera.

— Rapaz idiota! — exclamou Eliza, esbofeteando-o. — Não percebe o que fez?

— Por que você me bateu? — surpreendeu-se ele.

— Porque você acabou de assinar a sentença de morte de seu próprio pai.

— Meu pai? Mas eu pensei que...

— Cale-se e deixe-me contar-lhe a verdade — disse ela, percebendo que era chegado o

momento.

* * *

Naquele momento, um homem entrava correndo no escritório onde estavam os auxiliares do xerife.

— Ei, vocês precisam ir imediatamente ao saloon. Está havendo uma briga lá. Dois homens embriagados vão destruir tudo.

— Dois homens apenas?

— Sim, dois vaqueiros.

— Venha, Mac Malcon — disse Scotty. — Arrows ficará aqui tomando conta.

Os dois homens correram para o saloon. Quando entraram, diversas armas estavam apontadas para eles.

— O que está havendo aqui? — indagou Scotty, percebendo que haviam sido pegos numa armadilha.

— Uma festinha surpresa — respondeu o homem que os desarmou. — Agora vamos dar um pequeno passeio.

— Ainda falta o índio — lembrou um outro.

— Nós o apanharemos no caminho.

Pouco depois, os três ajudantes do xerife estavam amarrados e cavalgavam na direção do rancho de Feargus, sob a ameaça de uma dezena de armas. Lá chegando, foram levados para o celeiro.

— Sejam bem-vindos — disse-lhes James, amarrado.

— Fomos apanhados como patos — reconheceu Scotty.

— Era isso o que eu temia — arrematou James.

Feargus, Murdock e Foubert entraram naquele momento.

— Chegamos a uma decisão sobre vocês, senhores. Foram julgados culpados e serão executados — informou Feargus.

— Seria mais prático levá-los para uma das minas abandonadas e prendê-los num dos túneis. Um pouco de dinamite resolveria o problema de modo limpo. Jamais eles seriam encontrados — sugeriu Murdock.

— Ora, ora, não vamos discutir isso novamente. Uma bala é a melhor solução — opinou o banqueiro.

— Não se preocupem, senhores. Deixem o espetáculo por minha conta. Os auxiliares serão enforcados agora mesmo. Quando a James, tenho algo especial reservado para ele — riu Feargus.

Antes que a ordem inicial fosse cumprida, chegou Wyatt, desmontado rapidamente.

— Você terá sua chance agora, rapaz — disse-lhe o dono do rancho.

— Estava esperando ansiosamente por ela — respondeu Wyatt, aproximando-se de James.

— Não faça nada de que se arrependa mais tarde, garoto — avisou-o James.

— Para o inferno com você — interrompeu-o Wyatt, esmurrando-o e derrubando-o sobre um monte de feno.

Wyatt inclinou-se sobre ele e o levantou, esmurrando novamente. Quando James caiu, o rapaz o ergueu de novo, mas desta vez colocou-lhe uma faca numa das mãos.

— É o bastante, Wyatt. Mate-o logo — disse Feargus.

— Só mais um instante, Sr. Feargus, por favor — respondeu ele, esmurrando James outra vez.

Ao levantá-lo, segredou-lhe.

— Minha mãe está lá fora. Trouxemos armas e munição. Ela vai atear fogo à casa principal. Quando a confusão começar, corram para a porta dos fundos do celeiro. Vão encontrar uma carroça com armas lá.

James, surpreso, recebeu com satisfação um novo murro no estômago, antes de dobrar-

se e cair de joelhos. Demonstrando estar aturdido ele, na verdade, já estava cortando as cordas e libertando as mãos.

Enquanto os homens de Feargus preparavam os cavalos para o enforcamento, James já havia contado aos seus amigos o que estava se passando.

— Coloquem-nos sobre os cavalos — ordenou Feargus, satisfeito por estar se livrando deles.

Quando os homens se preparavam para cumprir a ordem, um vaqueiro entrou correndo no celeiro.

— Fogo! Fogo! Fogo! — gritava ele. — A casa está pegando fogo...

Na confusão que se seguiu, James terminou de cortar as cordas, libertou seus amigos e fugiram pelos fundos, à procura das armas.

— Ali, devem estar naquela carroça — disse ele, apontando para o local.

Os quatro correram para lá.

— Puxa, um verdadeiro arsenal — exclamou Scotty. — Dá para começar uma guerra.

— Vamos nos armar rapidamente, rapazes, porque é isso que teremos daqui a pouco. Vamos agir com rapidez, cercar esses bastardos e liquidá-los — falou o xerife.

Os quatro homens da lei se colocaram num ponto estratégico, de onde podiam acompanhar toda a confusão armada com o incêndio. A fuga deles já havia sido percebida e Feargus esbravejava e gesticulava a seus homens.

— Quero-os mortos! Quero todos eles mortos!

Murdock e Foubert se aproximaram dele.

— Acho que é hora de darmos o fora, Feargus. Esse incêndio está muito estranho. Por mim ele foi provocado por alguém disposto a ajudar o xerife e seus homens. Não está me cheirando nada bem — afirmou o banqueiro.

— Isso mesmo, Feargus. Vamos aproveitar a confusão e dar o fora. Poderemos passar pelo banco e apanharmos todo ouro que pudermos carregar. Será mais do que suficiente para vivermos como reis na Europa.

O figurão pensou por instantes.

— Vocês estão certos. Vamos embora daqui — decidiu, mas tinha planos mais ambiciosos.

Por que dividir aquele ouro por três, se podia ficar com tudo só para ele?

Enquanto isso, James e seus homens tentavam descobrir uma forma de neutralizar os capangas do rancho.

— Ali estão eles! — gritou alguém, no entanto, apontando na direção deles.

Uma saraivada de balas arrancou lascas e mais lascas da carroça atrás da qual eles se ocultavam. James e os outros responderam ao fogo e os pistoleiros trataram de procurar abrigo, fugindo da pontaria infalível dos homens da lei.

O tiroteio foi violento. Protegidos pelas sombras, já que os homens de Feargus tinham a desvantagem de estar contra a luz do incêndio, que os tornava alvos fáceis, as armas de James e seus ajudantes não tiveram dificuldades em liquidar boa parte deles.

Percebendo que não teriam chance, o restante acabou entregando as armas e se rendendo.

— Onde está Feargus Dundee? — indagou James, percebendo que ele não estava entre os prisioneiros nem entre os cadáveres.

— Socorro, xerife! — gritou-lhe Wyatt, do celeiro.

James correu até lá. Eliza estava caída, com a cabeça apoiada no colo do rapaz. Havia sangue na altura de sua barriga. Pelo tipo do ferimento, percebeu que ela tinha pouco tempo de vida.

— O que houve? — indagou James, preocupado, ajoelhando-se ao lado deles.

— Ela está ferida... Muito ferida... Acho que vai morrer - soluçou o rapaz.

— Acalme-se, Wyatt. Não foi nada. Ela ficará bem — tranqüilizou-o James.

— Não se preocupem comigo — falou Eliza, num sopro de voz. — Vocês precisam pegar Feargus. Ele, Foubert e Murdock escaparam para a cidade.

— Quem atirou em você? — indagou James.

— Após atear fogo à casa, procurei me esconder aqui. Quando Feargus entrou para pegar seu cavalo, me descobriu e percebeu que eu o havia ajudado, James, por isso atirou em mim à queima-roupa — explicou ela.

— Ele pagará por isso, Eliza. Eu lhe prometo. Fique aqui e cuide dela, Wyatt...

— Certo, pai! — respondeu o rapaz.

James sorriu, orgulhoso e surpreso. Olhou Eliza, que também sorria. Mas o sorriso dela pouco a pouco foi morrendo em seus lábios, até que sua cabeça pendeu sem vida.

O xerife apanhou seu cavalo e avisou seus ajudantes.

— Cuidem desse pessoal. Como não temos cadeia, expulsem-nos daqui desarmados. Vou atrás de Feargus e de seus cúmplices.

— Vai sozinho? — indagou Scotty.

— Não, eu vou com ele — avisou Wyatt, apanhando seu cavalo e partindo a galope na companhia de seu pai.

Cavalgaram rapidamente e logo depois estavam na cidade. Havia luz no banco e James compreendeu o que os homens pretendia fazer. Chamou seu filho e lhe disse:

— Wyatt, eles estão desesperados e dispostos a qualquer coisa para escapar. Vamos desmontar e esperar que eles saiam do banco. Será mais fácil apanhá-los aqui fora. Não sei quais seriam nossas chances se tentássemos encurralá-los lá dentro do banco agora.

— Entendi. Vou me esconder atrás daquele bebedouro. Estarei pronto para quando eles saírem.

— Ótimo! Eu ficarei do outro lado da porta. Assim nós os teremos em fogo cruzado.

— Bem pensado, pai!

Mal os dois haviam se posicionado, Feargus, Foubert e Murdock saíram do banco, cada um com um pequeno mas pesado saco do que eles pensavam que fosse ouro, pondo-o numa carroça que os esperava diante do banco.

— Vocês não têm nenhuma chance agora — gritou-lhes James. — Não façam nenhum movimento, senão serão todos mortos. Estão em nossa mira.

— Maldito seja! — praguejou Feargus, trêmulo de ódio.

James e o filho se levantaram e se aproximaram dos três homens. Wyatt desarmou Foubert e Murdock. Quando foi tirar a arma de Feargus, este o empurrou sobre James, sacando sua arma e disparando.

Foubert e Murdock aproveitaram para apanhar as armas que caíram das mãos de Wyatt e correrem para dentro do banco, onde se entrincheiraram.

Cheio de ódio, Feargus havia tentado atingir James. A primeira bala que disparou penetrou no ombro esquerdo do xerife, que rolou na poeira.

A segunda foi se encavar a algumas polegadas de sua cabeça, levantando terra.

James tentou disparar sua arma, mas sentiu que não conseguiria atirar, pois sua vista turvava-se pela dor.

Quando pensou que seria seu fim, Wyatt estava em pé, interpondo-se entre ele e seu atacante.

Ao vê-lo diante de si, Feargus Dundee hesitou por um breve instante, dando ao rapaz a chance de disparar duas vezes, sem piedade, pensando na morte de sua mãe.

O homem diante dele era o assassino dela, por isso não merecia nenhum perdão.

A primeira bala acertou o peito de Feargus e a segunda em sua cabeça, que se partiu com um estalo, enquanto sangue, miolos e cabelos eram jogados na poeira.

— Está bem, pai?

— Sim, filho, estou ótimo agora — respondeu ele, aceitando a ajuda para se levantar.

— Foubert e Murdock estão lá dentro. Como vamos tirá-los de lá?

— Acho que tenho o argumento que vai convencer Foubert — disse James, aproximando-se da porta. — Foubert, dou-lhe cinco segundos para sair daí ou vou lhe mandar um pacote de dinamite de presente. Você sabe como eu gosto de fazer isso — ameaçou.

— Não faça isso. Você é maluco! — gritou Foubert, saindo seguido de Murdock,

entregando-se.

Ambos ficaram sob a mira da arma de Wyatt, todo orgulhoso pelo trabalho feito.

— Foi um bom trabalho, não foi, pai? — indagou o rapaz ao xerife.

— Sim, filho — respondeu ele, apoiando-se no rapaz. — Acho que fizemos um bom serviço por aqui. Foubert e Murdock terão muito que explicar à justiça. Quando a Feargus, teve o que merecia. Vamos acorrentar esses dois agora.

Mais tarde, depois que seus ajudantes voltaram do rancho, todos se encontraram no escritório provisório.

— Que noite de homem branco! — comentou Arrows.

— E o que é uma noite de homem branco? — quis saber Mac Malcon.

— Noite maluca! — explicou ele e todos riram.

— Creio que o que fizemos hoje vai afastar todos os bandidos e ladrões daqui. Esta cidade voltará a ter lei e ordem — falou James.

— Pobre Feargus! Morreu por um punhado de areia. Nem poderia imaginar que não havia ouro naqueles sacos.

— Teve o fim que merecia. Acho que poderemos descansar um pouco — disse Scotty.

— E com um bom dinheiro no bolso — lembrou Mac Malcon, referindo-se aos dez por cento que receberiam pela recuperação do ouro roubado.

— Acho que todos mereceram isso, rapazes. Quanto a mim, creio que vou ver meu filho e depois comer um pedaço de torta de morango. Acho que fiz por merecer — disse o xerife, apanhando seu chapéu e saindo.

FIM

[Página Anterior](#)

[Índice](#)